The background of the cover is a painting of a town square. The buildings are rendered in warm, earthy tones of brown, tan, and yellow. The architecture is somewhat irregular, with various window shapes and sizes. In the foreground, there are clotheslines with laundry hanging on them, adding a sense of daily life to the scene. The overall style is expressive and somewhat abstract, with visible brushstrokes and a focus on color and form.

Antropologia Geral

PEDRO FERNANDES DE QUEIROZ
ANTONIO GONÇALVES SOBREIRA

PEDRO FERNANDES DE QUEIROZ
ANTONIO GONÇALVES SOBREIRA

ANTROPOLOGIA GERAL

1ª EDIÇÃO

Sobral/2016

INTA - Instituto Superior de Teologia Aplicada

PRODIPE - Pró-Diretoria de Inovação Pedagógica

Diretor-Presidente das Faculdades INTA

Dr. Oscar Rodrigues Júnior

Pró-Diretor de Inovação Pedagógica

Prof. PHD João José Saraiva da Fonseca

Coordenadora Pedagógica e de Avaliação

Prof^a. Sonia Henrique Pereira da Fonseca

Professores conteudistas

Pedro Fernandes de Queiroz

Antonio Gonçalves Sobreira

Assessoria Pedagógica

Sonia Henrique Pereira da Fonseca

Evaneide Dourado Martins

Juliany Simplicio Camelo

Revisor de Português

Francisca Geane Souza Oliveira

Diagramador

José Edwalcyr Santos

Diagramador Web

Luiz Henrique Barbosa Lima

Analista de Tecnologia Educacional

Juliany Simplicio Camelo

Produção Audiovisual

Francisco Sidney Souza de Almeida (Editor)

Operador de Câmera

José Antônio Castro Braga

Sumário

Palavra do Professor	11
Biografia	13
Ambientação	14
Trocando ideias com os autores	16
Problematizando	20

1 Introdução à Antropologia

O despontar da Antropologia	27
Ponto de eclosão da Antropologia	28
A individualização do conhecimento antropológico	33
O desenho do objeto da Antropologia.....	33
Formado a concepção de Antropologia acadêmica	35

2 Antropologia como Ciência

Definições e classificações	41
O desenvolvimento das ciências do homem	42
O Positivismo.....	43
Historicismo.....	45
Períodos da Antropologia.....	48
Período de formação.....	48
Período de convergência.....	48
Período da Construção.....	50
Período da crítica	50
Os fundadores da etnografia	52
Boas (1858-1942).....	52
Malinowski (1884-1942)	54
Os Primeiros Teóricos da Antropologia: Durkheim e Mauss.....	59

3 A Antropologia em uso

As artes do fazer antropológico	67
Adquirido bagagem para ir ao campo	68
Os procedimentos de quem estiver em campo.....	71

Leitura obrigatória	78
Revisando	80
Autoavaliação	82
Bibliografia	84
Bibliografia <i>Web</i>.....	86

Palavra do Professor

Desejamos que você entenda de forma mais precisa, nestas páginas e nas outras fontes indicadas no material didático, que a Antropologia tem como desafio captar e reconstruir por meio não só do olhar disciplinado, mas do ouvir e do escrever disciplinados; as ações em sociedade que os homens se descobrem, se representam, se concebem através da cultura, da religião, da ciência ou de outras formas, como homens em uma sociedade.

Talvez seja certo compreendermos em relação a Antropologia, que ao longo da sua formação, ela gestor de um olhar disciplinado para apurar em pequenos detalhes da vida vivida, respostas as indagações mais profundas, que se movimentam com sentido da vida a qual estamos aprendendo a conhecê-la e valorizá-la.

Em suma, ler um texto de Antropologia é abrir uma janela para olharmos de maneira compreensiva para desvendarmos como nos apresentamos como Homem e por meio de quais rituais e de quais valores em diferentes espaços sociais e sociedades.

Para você, que considera a Antropologia, uma disciplina sem valor expressivo, ao lado, da Química, que serve entre outras coisas para a indústria petrolífera, da Biologia, que têm outras funções e entre elas a de servir a indústria farmacêutica. A Antropologia serve para traduzir os significados que algumas ciências transportam nas suas "fronteiras", cada vez mais próximas e em fluxo, sem precisarmos nos deslocamos geograficamente.

Nas unidades seguintes esperamos demonstrar como a Antropologia, veio alcançar de forma científica a capacidade de oferecer instrumentos conceituais e teóricos para ler e compreender o outro e sabermos de forma menos densa o ofício do antropólogo.

Os autores

Biografia do autor



Pedro Fernandes de Queiroz. Licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UFRN). Mestre em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Desde 2003 leciona na Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Seu interesse é a compreensão de como a Sociologia e Antropologia se efetiva em sala de aula como aporte de conhecimentos para os indivíduos criarem novos olhares para o campo da realidade social a qual estão inseridos.



Antonio Gonçalves Sobreira. É graduado em Teologia. Graduando em Filosofia. Mestre em Teologia Bíblica. Especialista em Psicopedagogia e Ciências da Educação. Mestrando pela Lusófona em Educação. Atualmente é Coordenador do Curso de Teologia das Faculdades INTA e docente na área da Teologia Sistemática e Antropologia Teológica.

AMBIENTAÇÃO À DISCIPLINA

Este ícone indica que você deverá ler o texto para ter uma visão panorâmica sobre o conteúdo da disciplina.

A large, stylized lowercase letter 'a' in a dark teal color, set against a white circular background. The 'a' is positioned on the right side of a dark teal horizontal bar that spans across the middle of the page. The bar has rounded ends and a slight shadow effect.

Compreender uma ciência é um investimento intenso, de diversas ordens, de diversos valores e de diversos preços. Para você que quer adquirir conhecimento em uma ciência, é indispensável compreendê-la, para evitar desperdício. Ler livros não assegurará a sua aprendizagem. Uma maneira bastante viável de afastar os desperdícios e esforços desnecessários e chegar próximo a dominar uma ciência é concentra-se em três direções.

Primeira rastrear o caminho de elaboração da **questão matriz**, uma vez que ela é o núcleo e em seu entorno gravitará um conjunto de visões, conceitos, teorias e métodos que interligados formam a ciência. Segunda conhecer como seus peritos formaram um projeto de ciência com que base, com que método com quais conceitos. Terceira contextualizar o impacto desta ciência na sociedade, através do conjunto de respostas que ela fornece para si, mas que constitui para os indivíduos em sociedade pontos de esclarecimentos dos seus problemas.

Assim, caro estudante conquistar o saber capaz de interligar essas três direções, significa dominar três pontos que juntos formam um plano de desvendamento do estilo, de pensamento presentes na ciência que é a Antropologia. Por isso, planejamos um caderno hábil em demonstrar como se aprende a pensar uma ciência, ao invés de apenas se deliciar com ela. Queremos convidá-los a serem "Mestres Cucas" de outros ofícios como do pensar o preparo da Antropologia. Ao término do preparo que é o exercício dessa leitura possamos, de acordo com a vontade de vocês, desenhar **um plano**, para nos ver e descobrirmos onde estamos. Se no meio dos outros, no contexto da cultura, da sociedade a qual estamos inseridos.

Bons estudos!

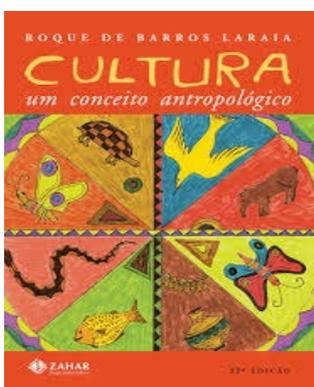
TROCANDO IDEIAS COM OS AUTORES

A intenção é que seja feita a leitura de obras indicadas pelo professor-autor numa perspectiva de dialogar com os autores de relevo nacional e/ou mundial.



ti

Este é o momento em que você irá ler os livros abaixo.



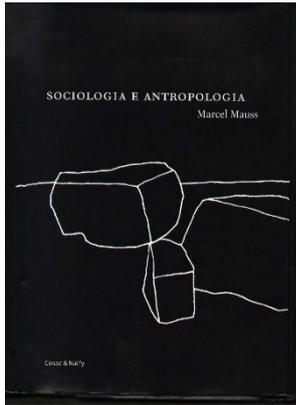
Sociologia e Antropologia. Publicado em 1950, na França. Esta obra de Marcel Mauss marca a consagração da Antropologia francesa e também de Mauss que é reconhecido por estabelecer a Antropologia na França. O clássico da Antropologia que serve de fonte para se repensar o próprio avanço do pensamento antropológico, em noções tão caras ao campo da disciplina, como é a noção de pessoa, magia, dádiva e religião.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia.** São Paulo: Casac Naify, 2003.



Sugerimos, também, a leitura do livro **Antropologia cultural.** Este livro reúne artigos que Franz Boas, produziu ao longo da sua vida. Todos eles norteiam um exercício visando combater e a criticar as posições desfavoráveis ao estabelecimento da Antropologia como ciência. Boas, combate os métodos que voga do evolucionismo social, do determinismo geográfico, do difusionismo, bem como contesta a redução da raça à cultura, diretamente combatendo a ascensão do racismo biológico tão comum na época. Ele termina por estabelecer o método comparativo da Antropologia.

BOAS, Franz. **Antropologia cultural.** Org. Celso Castro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.



Cultura: um conceito antropológico, é um livro indispensável para marcar o primeiro contato com a literatura antropológica. O livro conduz o leitor a uma prazerosa aventura que é conhecer as trilhas que Antropologia utilizou para construir o conceito de cultura. Conceito este tão marcante para a disciplina que passou a ser, sinônimo da palavra Antropologia. O leitor ainda, poderá compreender ao longo da leitura as constantes reelaborações do conceito de cultura, estabeleceu uma importante ponte cognitiva para sair dos falsos determinismos - biológico e geográfico - que impedia o homem de se ver como agente que se autoconstruiu socialmente pelo novelo da cultural.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 12. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

GUIA DE ESTUDO

Após a leitura dos livros sugeridos, escolha uma obra e faça uma resenha.
Concluída a atividade poste na sala virtual.

PROBLEMATIZANDO

É apresentada uma situação problema onde será feito um texto expondo uma solução para um problema abordado, articulando a teoria e a prática profissional.



Convidamos você estudante a se posicionar sobre o ritual do casamento, que é de fundamental importância para todas as sociedades. Sem o êxito dele, nenhuma sociedade se conserva. Durante a leitura do texto você deve se posicionar sobre a validade de um casamento em específico, num primeiro instante, somente com seus valores e conhecimentos. Num segundo momento, agora com auxílio do conhecimento antropológico. Observe se você mantém seu ponto de vista ou suas pré-noções.

Texto: Um casamento de Valor

No dado tempo, um homem observando a idade da sua filha, resolve escolher para ela um esposo. Com esta intenção realiza um concurso. Forma-se fila para a seleção. Um jovem passando ali perto, notando a fila resolve averiguar a finalidade da fila. Sem querer desfazer o ar de entusiasmo dos participantes, segue na fila para ver o que todos estavam interessados. Ainda que estivesse em último na fila, obedece a ordem, até chegar à sua vez.

Lá encontra um homem com o semblante interrogativo, de quem procurava algo, que estava disposto a encontrar. Este, diante do andarilho mostra de súbito uma maçã. O andarilho sem timidez, ligeiramente, mostra um pedaço de pão adormecido. Sem se desfazer da maçã, comunica um som: - Hum.

A seguir põe a maçã em segurança. Mas em passo acelerado, ele que até àquela hora recebera a todos calmante, levanta o dedo médio para o andarilho. Este sem pestanejar levanta sua mão direita para o alto, em direção ao céu. O anfitrião olha para os lados, a confirmar se todos estavam assistindo à cena.

Com semblante enigmático até aquele instante não visto, faz sinal com a mão aberta em direção ao seu interlocutor em pé. Este sem pensar duas vezes, senta-se velozmente. O quê escuta de forma instantânea uma salva de palmas daquele homem que recepcionou a todos em gestos contidos. A face do andarilho é de surpresa. Ainda mais, quando o homem afirma que ele é o escolhido para casar com a sua amada filha.

Possivelmente alguns a ouvir, pergunte: porque este homem resolve dá a filha dele para o andarilho? Que filha tão amada é esta que o pai a troca por coisas tão fortuitas? Qual mistério da escolha? Ao colocamos em funcionamento o que estamos lendo referente trabalho do antropólogo, encontramos outra tonalidade, distinta do que costumeiramente se ver como motivos para casamentos nos dias atuais.

Pois para o senso de percepção antropológica os valores servem para intercam-

biar as relações entre os homens, tanto quanto as moedas sevem para intercambiar as relações comerciais. Desta forma a Antropologia, ou a maior parte do exercício antropológico opta por desvendar o processo de como, quando e quais valores entraram nas interações entre os homens a constituir-se como pontes ou diques, por saber que valores influenciaram inclusive nas escolhas de decidir produzir moedas como sinal de intercambiar bens.

Assim nos posicionando a encenar o papel de antropólogo devemos observar com base na história da negociação que aqueles ilustres homens, possuíam valores e por eles os guiavam. No entanto, quais tetos de valores eles estavam priorizando por governar suas vidas e por querer estendê-los a outros que passariam a interagir e a conviver.

Começaremos a entender o mistério dessa transação matrimonial ao sabermos do significado da maçã, do dedo erguido, da mão estendida e aberta. Mas como saber? Existem dois caminhos. Primeiro, perguntando ao anfitrião. Segundo, observando como a sociedade que aquele anfitrião pertence; expressa e presentifica por símbolos o amor, a crença numa entidade divina, a justiça. Doutro lado, não menos importante, o que complementa o amor, a crença numa entidade divina e a justiça? Trabalho, liberdade de escolher a crença e igualdade de todos perante a lei.

O andarilho mostra o pão, lentamente os cinco dedos um após outro e ao sentar-se na própria cadeira do anfitrião estava respectivamente sinalizando os símbolos que representam: o trabalho, a escolha que se faz de um Deus para crê e o peso da lei para todos. Desta forma amor casa com o trabalho, a fé em um Deus casa com escolha de um Deus, a justiça com a lei.

Podemos reconhecer que a noiva guardava o universo de valores condensado em torno do amor, na crença numa entidade divina e na justiça. E o noivo, por sua vez, guardava o universo de valores condensado em torno do trabalho, da liberdade de escolher a crença e da igualdade de todos perante a lei. Desta forma, o pai ao escolher o andarilho estava escolhendo não apenas, a beleza dele, suas posses, mais os ingredientes que daria o tempero a relação entre eles, como pontes, ao invés de diques.

Agora qual é seu ponto de vista sobre a escolha no casamento? O rei lhe transmitiu alguma sabedoria para escolher seu futuro par, ou foi Antropologia?

GUIA DE ESTUDO

Com base no texto, produza um comentário demonstrando por quais caminhos a Antropologia acessa o mundo do outro e os seus posicionamentos observados durante a leitura.

APRENDENDO A PENSAR

O estudante deverá analisar o tema da disciplina em estudo a partir das ideias organizadas pelo professor-autor do material didático.

A stylized logo consisting of the letters 'A' and 'p' in a dark teal, serif font. The 'A' is large and the 'p' is smaller and positioned to the right of the 'A'. The logo is set within a white circular area that is part of a dark teal horizontal band.



1

INTRODUÇÃO A ANTROPOLOGIA

CONHECIMENTOS

Conhecer os aspectos introdutórios da disciplina Antropologia Geral, seu momento de inspiração inicial com os gregos, destacando a especificidade e a concepção do conhecimento antropológico.

HABILIDADES

Reconhecer e exercitar a capacidade reflexiva e crítica acerca do objeto estudado, incorporando-o na sua práxis.

ATITUDES

Ter atitude de desenvolver e interpretar textos sobre o tema, bem como fazer exposição pública em eventos, palestras e seminários em ambiente acadêmico.

O despontar da Antropologia

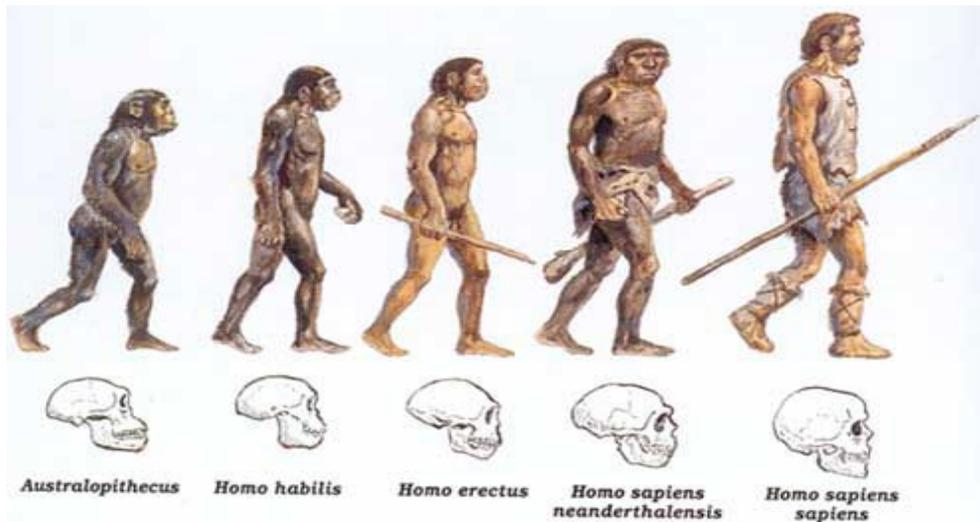
Há quanto tempo existem antropólogos? Com muito exagero de simplificação é certo afirmar que toda ciência que conhecemos nasceu de uma pergunta com o "P" maiúsculo. Ou seja, de uma questão matriz. A Antropologia como não poderia ser diferente seguiu este curso. Ao estudarmos Antropologia de forma reflexiva, com o objetivo de desenvolvermos um estilo de pensamento antropológico, devemos compreender a rede de acontecimentos que se entrelaçaram em circunstâncias diversas para formação da pergunta que talhou o corpo da disciplina chamada de Antropologia.

Esta pergunta provavelmente consolidou a sua forma, quando um grupo de homens se dedicou em responder o que é aquilo com pegadas idênticas as deles, mas se comporta, pensa, e, até fala diferente deles. Neste momento alguns homens perguntaram a si mesmo, num ato de questionamento **quem são aqueles que estão fora do seu convívio?** Iniciou-se o movimento de polimento da Antropologia.

O desenrolar desse polimento deu-se sobre um lento e descontínuo acúmulo de observações e questionamentos que giraram em torno do objetivo de compreender a diversidade humana que começava a ser percebida como existente dado investigado. A **questão matriz** que motivou a polir os conhecimentos que formaria o campo da Antropologia se situa em determinar a posição e o lugar do Homem na escala zoológica e em relação à natureza.

Saiba mais

Podemos ter a ideia da importância de uma questão matriz, a questão mestra da Biologia como exemplo: Como surgir os seres vivos? A partir dessa pergunta se estabeleceu todo um investimento de investigações que irá desaguar nas teorias sobre a origem da vida berço do estabelecimento da Biologia como ciência.



Fonte: http://3.bp.blogspot.com/h9bxvEPXOxl/TcAOJ3JBzI/AAAAAAAAABmY/6a3uFePpiEU/s1600/evolucao_humana.jpg

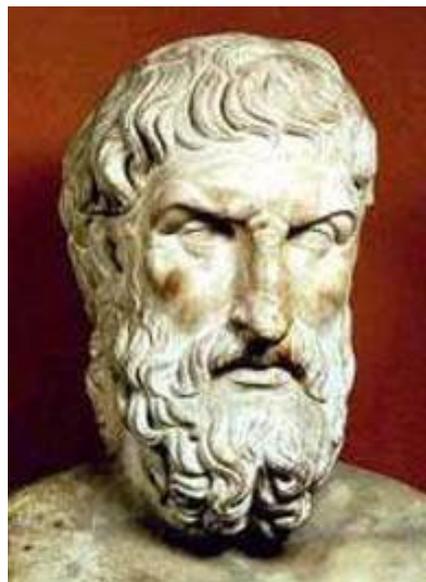
A Antropologia mostrou o lugar e a posição do Homem através do estabelecimento de escalas, parâmetros e conceitos que comprovaria e determinaria ao que se cabe à categoria Homem e por conseguinte, de humano.

Ponto de eclosão da Antropologia

O espaço social da eclosão da Antropologia como disciplina científica, dotada de uma missão investigativa com base em outras ciências, como a Biologia e a Física; situa-se no espaço continental europeu, primordialmente, com a Alemanha, França e Inglaterra. Todavia a três tradições de escrita antropológica atribui aos gregos o interesse primeiro de inspecionar diretamente o Homem, colocar como causa da variedade das riquezas de vestimentas, das culinárias, dos governos, dos costumes e os diferentes tipos de comportamentos.



Fonte: <http://mapa.europa-turismo.net/fotos/mapa-grecia.jpg>



Fonte: http://www.sohistoria.com.br/biografias/herodoto/index_clip_image002.jpg

Cabe ao grego Heródoto (484 - 424 a. C.) a responsabilidade por fazer esta primeira investida de colocar o comportamento como causa da diversidade e pluralidade entre os homens.

No entanto, de forma precisa, não podemos assegurar que com Heródoto se tenha formado um plano de tradição do pensamento antropológico, similar ao que se produziu com a Filosofia. Pois a Filosofia se firmou nas colônias gregas ao ponto de se consolidar em escolas filosóficas, com força de implantar uma longa tradição que se expandiu em torno de renomados filósofos como Sócrates, Platão e Aristóteles, ao ponto destas escolas com suas reflexões servirem de base para Filosofia ocidental a qual conhecemos hoje nas salas de aulas.

Se os gregos não fundaram escolas antropológicas, não fundaram uma comunidade de antropólogos, portanto não deixaram um conhecimento rigoroso nesta área. Talvez o mérito deles, tenha sido de transmitir a **inspiração**, da percepção da alteridade, centrada na noção da diferença entre "nós" e "eles", que marcará o paradigma de explicação antropológica. Tal paradigma é incorporado como um guia da Antropologia por revelar que a escrita dos textos antropológicos é construída entre dois mundos o do antropólogo e do outro, cabe o desafio ao conhecimento antropológico servir de ponte para ligar os dois mundos.

Assim, de forma indiscutível, a possibilidade material e reflexiva para a formação do **início da tradição de conhecimento antropológico**, longe de estar na

Grécia, tem como epicentro a “descoberta do Novo Mundo”, doutro lado do Atlântico, que deu ao homem europeu a visão de todo o continente e povos ausentes da narração bíblica, que era até então, o livro bússola do ocidente.

Saiba Mais

² Dos povos ocidentais, os gregos foram os primeiros povos de forma sistemática a estabelecer uma classificação identitária para designar aqueles que estão fora do mundo.

O encontro com o Novo Mundo disseminou um lento abalo na estrutura da religião e da Filosofia que terminaria provocando uma rachadura no mundo europeu, pois a religião e a Filosofia os mantinham intactos. O primeiro abalo atingiu a estrutura da redoma celestial que a igreja havia construída para o homem europeu no planeta terra com argamassa da compreensão bíblica. O segundo ponto atingiu a estrutura da concepção da filosofia por colocar em pauta para discussão o que é o Homem, se ele comporta a presença dos índios, dos escravos que não tinham alma por isso, podiam ser escravizados.

Com as rachaduras instaladas no mundo cognitivo, propicia a emergência de uma nova percepção, com ela uma nova forma de apreensão de mundo, com o conhecimento científico para explicar o homem, não mais sustentado pela autoridade da religião, e cada vez menos pela Filosofia, uma vez que não um conhecimento demonstrável fora do raciocínio lógico. Assim, com o novo continente, com o contato constante com o outro, ainda sequer imaginado, reascende fortemente a questão matriz que estrutura o campo antropológico, apenas com outras palavras: Serão aqueles longínquos parte da humanidade, a qual os europeus pertencem?

Saiba Mais

³ O discurso do bom selvagem encontra na escrita do filósofo Jean Jacques-Rousseau a expressão mais elaborada, que o Renascimento e o movimento literário do romantismo amplamente abraçará e divulgará.

No século XX inaugura-se outro binômio em substituição ao bom selvagem/mau civilizado e mau selvagem/bom civilizado integralmente incorporado as ciências políticas com os termos **países desenvolvidos e países subdesenvolvidos**.

Nesse momento a visão ensaísta da Antropologia ao explicar o Homem não é hegemônica, continua a disputar com a da doutrina religiosa que predominará sobre o modo de responder aos acontecimentos não só em relação ao Homem, mas em relação a natureza, no primeiro século após as descobertas oceânicas.

Os conhecimentos religiosos, em boa parte, fundada em séculos de investigações em torno da bíblia e em experiências obtidas no convívio em mosteiros, abadias e conventos criva a dimensão do sagrado para qualificar e determinar o grau ou não de humano ao outro. Em suma, apoia-se nas páginas da bíblia como um afeitor a oferecer meios de classificar as ações, os costumes, os governos, as religiões encontradas para determinar até que polo do globo se estende a humanidade.

Os livros que circulam nos países europeus que têm como fonte de inspiração concreta “O Novo Mundo”, são provas que contém apenas sombras do conhecimento antropológico, uma vez que estavam recheados de concepções advindas da época mediada pelas leituras religiosas.

Saiba mais

⁴A Antropologia evolucionista apesar da sua prestigiosa contribuição de fornecer todo um conjunto de dados e um campo de conhecimento antropológico com status de ciência, ela ideologicamente vinculou a sua prática a ideal das conquistas colônias da África e da Ásia.

O embate classificatório aonde se entende a humanidade termina por cristalizar-se em duas correntes interpretativas e antagônicas a respeito do outro, que passou a fazer parte do repertório antropológico em meados do século XVI, tendo como vozes o dominicano Las Casas e o juristas Sepulvera, que criam respectivamente o binômio bom selvagem/mau civilizado e mau selvagem/bom civilizado.

O primeiro, parte de uma visão de mundo embasada de que o modo de vida do outro (aqueles além das fronteiras do continente europeu) é em muitos aspectos a estar sujeito do ponto que se analisa, melhor do que os considerados civilizados, a exemplo, do estado de paz social existente nestes povos alheios a vida competitiva. Já o segundo para defender seu binômio mau selvagem/bom civilizado, assenta na lógica de formação de Estado.

O movimento de cristalização do binômio do bom selvagem/mau civilizado de um lado, noutro, do binômio mau selvagem/bom civilizado abre caminho para

repensar a superioridade da humanidade de forma integral, uma vez que estava sustentado em dois pontos centrais. O primeiro da capacidade do homem produzir riquezas materiais por meio de artefatos de trabalho e o indiscutível grau de intelectualidade do homem está acima das demais espécies de animais.

Mas com a **Antropologia evolucionista** o olhar de superioridade humana perde a uniformidade. À medida que se diagnostica que toda humanidade encontra-se em patamares de técnicas e de conhecimentos distintos. O resultado imediato deste posicionamento é de reservar o grau de superioridade para os europeus, rebaixando os demais povos a uma hierarquia inferior.

Paralelo a noção de graus distintos de evolução da humanidade que compõe o debate antropológico nesta fase de amadurecimento, eleva-se o consenso que o Homem é aquele que interroga-se sobre si mesmo, independente de quais caminhos ele utilize para realizar a imersão sobre si.

A imersão sobre si, da formação da imagem humana do Homem com as lentes da Filosofia e da ciência em formação estará presente nas ideias e nos ideais do Renascimento. Ao qual o conhecimento antropológico em gestação irá absorver para comparar com as informações que chegam com os missionários e viajantes das novas terras, com o intuito de verificar se há Homem acima e abaixo da linha do Equador.

Mas o conhecimento aprimorado livre da especulação etnocêntrica, só chegou a ser possível com o escopo do aperfeiçoamento da observação do que estava ao redor do homem e sobre ele. As respostas à questão do Homem e a própria noção de Homem como uma "*coisa*", um *datum* da ciência e, inteligível, só ganhou dimensões científicas somente no século XVIII, com as bases do Iluminismo. Antes desse período, a fórmula a responder o universo do homem estava fora do campo da ciência, uma vez que nem sequer havia noção conceitual de homem.

O que o Iluminismo produziu de princípios e reflexões com valor inestimável para os campos da razão, da ciência e da tecnologia; de outro lado, constitui em interesse de organizá-los, arquivá-los e materializá-los em forma de pesados volumes como testamento do avanço do conhecimento da humanidade. É justamente o projeto da Enciclopédica que o filósofo Denis Diderot (1689-1784) e o matemático Jean Rond d'Alembert (1717-1783) no decurso de 1751 a 1772 buscarão concretizar, dando espaço para ordenar em verbetes e em ilustrações os fundamentos epistemológicos das ciências modernas, que selará em definitivo a ambição de fecundar diversas ciências do Homem, entre elas, o germe da Antropologia.

A individualização do conhecimento antropológico

No século XVIII, podemos afirmar que é o período em que o homem realmente lança sobre si mesmo um arsenal de perguntas igual ou superior a que ele disseminou para sistematizar o movimento dos corpos celestes ou da teoria da origem da vida, para construir um território de saber a seu respeito, que espelhasse sua existência inteira por meio da Antropologia, não só por meio da Filosofia ou da religião.

Com a ascensão do projeto antropológico estava em marcha uma revolução de mentalidade equivalente a que Nicolau Copérnico (1473-1543) proporcionou com a teoria heliocêntrica. Pois a Antropologia proporcionará não o deslocamento do eixo imaginário da terra no Universo, mas do centro cognitivo que o homem estabeleceu sobre si, fundado apenas a percepção do sujeito do conhecimento apto a investigar o objeto externo para agregar a representação que o próprio sujeito do conhecimento é objeto a ser estudado a depender para onde se aplique o referencial teórico-metodológico.

Com a especificidade da dupla percepção que o homem pode ter sobre si (sujeito do conhecimento e objeto do conhecimento), aqueles que comungam dos planos de observações antropológicas, trabalharão para clarificar as dimensões do sujeito do conhecimento e do objeto do conhecimento antropológico. Logo um desafio fundamental que os pioneiros tiveram de enfrentar para consolidar o objeto antropológico encontrou-se em defini-lo, noutra momento de estabelecer um procedimento científico para observar e registrar objeto do conhecimento antropológico.

O desenho do objeto da Antropologia

A primeira investida que Antropologia elaborou foi a de retratar um objeto em específico, e qualificar sua área de estudo, deu-se em torno das longínquas "sociedades primitivas". Mas logo este objeto empírico pré-definido entra em colapso, uma vez que o avanço do modelo de civilização ocidental - sustentado pelo sistema capitalista, pela tecnologia, pela religião judaica-cristã - alcança as "sociedades primitivas" exercendo sobre elas um processo de aculturação para com seus modos de vida, seus estilos de consumo e de crenças. A intensificação desse contato no século XVIII impõe a Antropologia nascente a questionar se seu objeto de estudo ainda existe.

Diante da constatação do falecimento da percepção do objeto da Antropologia,

por conseguinte, da ameaça de extinção da própria Antropologia, pois a existência de um campo científico engloba necessariamente existência de um objeto próprio. A Antropologia redefine as fronteiras do seu objeto, que continua sendo empírico, mas geograficamente, não tão longínquo. As sociedades camponesas, aqueles que vivem restritamente do que planta e colhe guiados por uma tradição de saber, sem se voltar para o mercado. A solução que parecia sofisticada, por abandonar o ideário "primitivo", erguido a partir de parâmetros etnocêntrico e evolucionista da sociedade ocidental, tem vida curta.

O efeito gerado por essa empreitada intelectual em demarcar o objeto antropológico entre o primitivo e o camponês, e sair deles, é de favorecer o estabelecimento de princípios, de substâncias que passarão a fazer parte do ofício do antropólogo: I) a desnaturalização do social, II) o estranhamento, III) a aceitação de que a unidade do Homem é plural. Os três princípios em interação entre si, formaram o núcleo duro do projeto antropológico por revelar que a compreensão do homem em nível mais alto do conhecimento, começa quando se observa a existência da relação de alteridade com o Outro, ou seja, ao longo do tempo a atribuição de outro a um grupo, a uma sociedade dependeu de forma restrita do grau de poder de quem está classificando para imputar a designação de outro àquele que não está incluído no mesmo sistema político e religioso de governo. Assim, os três princípios universais da Antropologia consistem em:

<p>I) Estranhamento: parte da atitude de quebrar o monopólio na consciência do que está à frente ou voltar em termos de evento cultural ou social, é evidente por si só. Pelo contrário em lugar do “é assim mesmo”, um estado de estranhamento contínuo para examinar e apreender o que se colocar a frente, são apenas pontas do <i>iceberg</i> que o senso comum teima a conceber como o <i>iceberg</i> inteiro. É pelo exercício do distanciamento que efetivamente sai-se da “sala do evidente”, tendo como chave a pergunta epistemológica: por que os eventos que existem são assim? Tem outros modos deles existirem? Quais deles proporcionam maior grau de integração sociocultural? Qual a função ele desempenha para a sociedade aonde a realiza?</p>	<p>II) Desnaturalização do social: significa colocar um estado de pensamento em relação ao que existe como expressão de ou da cultural de um indivíduo, tanto quanto do próprio grupo social, não é inato ou dado, mas é uma produção por um conjunto de indivíduos socializados. Por isso, pode ser investigado o momento que eles elaboraram e organizaram-se para efetivá-la, bem como as razões para produzi-la.</p>	<p>III) Unidade plural do Homem: implicar em entender que não há uma unidade centrada numa essência única, sequer biológica a determinar uma modalidade linear de comportamento para o homem, mas que os modos de se comportar, de agir são espécie de programas que as culturas e regras sociais convencionaram de diferentes maneiras a confeccionar.</p>
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Formado a concepção de Antropologia acadêmica

Estes três princípios intensifica o caminho para preparar uma escrita mais próxima da realidade de abordagem do enfoque antropológico. A inauguração desta abordagem é um legado do século XVIII, em meio a oscilação conceitual reinante agora em voga na Antropologia entre selvagem e civilizado.

Neste século tem-se a consolidação de uma ampla base consensual de abordagens, suficientemente sólida para montar um refinado projeto antropológico, sustendo no tripé: I) um arsenal de conceitos, entre eles o do Homem; II) a formação de um saber-teórico não apenas reflexivo, mas aparado em dimensões empí-

ricas com rigor de ações, de observações, a exemplo das relações de parentesco; III) uma formulação precisa de problemática centrada da diferença que entre os homens integrará o paradigma da Antropologia. Por fim não menos importante, da emergência da especificação de conceitos, de uma noção epistemológica e de uma problemática; a incorporação do método indutivo.

Com vitória do método indutivo sobre o dedutivo o pensamento antropológico imuniza-se contra o método dedutivo, ideologicamente assentado no pensamento teológico, amparado pela premissa que uma unidade indivisa da natureza divina está incluída no Homem. Com o predomínio do método indutivo na Antropologia, a civilização europeia de uma vez por toda, começa a dá-se conta do universo de identidades múltiplas dos grupos e das sociedades que em muito extrapola o critério de igualdade cultural, política, social e econômica. O método para compreender a humanidade torna-se assim, ao invés de entender “um Homem”, em um dado lugar, compreender as condições históricas que inter-relacionaram com inúmeras variáveis para que se possa identificar e definir as cadeias de causas e efeitos que cercaram os homens.

Sobre o conjunto desse programa efetivou-se tarefas a serem abordadas por todo o século XVIII, que se estende aos séculos XIX e XX. Como coletar, como organizar a quantidade crescente de dados coletados, como se efetiva uma observação, quais qualidades deve possuir um observador da classe dos antropólogos. As respostas que serão montadas a essas perguntas gradativamente qualificarão a prática antropológica, seja aonde for.

Enfim, com o estabelecimento do universo de investigação da Antropologia no século XIX e XX, ancorado em torno da teoria da evolução e do **conceito de cultura** juntas, desmaterializam a ideia de natureza sagrada do Homem que recaia como uma sombra sobre a Antropologia. A possibilidade de esclarecer a natureza sagrada do Homem é em boa medida garantida pela teoria da Origem das Espécies, de Charles Darwim. O centro da teoria de Darwin proporciona situar o Homem como parte do reino animal, que participou do processo evolutivo, como denuncia os achados fósseis. Já o conceito de cultura torna-se o fator explicativo a entender o governo dos homens na terra, como uma elaboração do próprio padrão cultural que dinamizou o Homem a responder de diferentes formas, as hostilidades climáticas, a escassez de recursos alimentícios, bem como de forjar uma arte de convívio social, tanto de mostrar o que leva o Homem a torna-se sagrado.

Mas para chegar uma explicação mais complexa do campo das relações de

sociabilidades, dos rituais, das formas que os homens pensam; a Antropologia teve que ter seus próprios expoentes. E é a eles, que devemos agradecer as diferentes abordagens, estilos de escritas e inúmeros conceitos e procedimentos de análise de dados etnográficos.



2

ANTROPOLOGIA COMO CIÊNCIA

CONHECIMENTOS

Conceituar e classificar a Antropologia como ciência, conhecendo-a no contexto panorâmico de seu desenvolvimento como ciência e do Homem como Ser.

HABILIDADE

Compreender e interpretar textos sobre o tema.

ATITUDES

Reconhecer e exercitar a capacidade reflexiva acerca do objeto estudado.

Definições e classificações

Na constituição da Antropologia como ciência, precisamos antes definimos o conceito de ciência e em seguida tentaremos apresentar o desenvolvimento das chamadas Ciências Humanas, local onde se encontra a Antropologia.

Ciência vem do latim *scientia* que significa "conhecimento". A Filosofia, como conhecimento pode ser chamada de ciência. Mas não estamos falando aqui nesse sentido, estamos falando da ciência experimental que surgiu na modernidade. É a ciência de Galileu, Newton e tantos outros. Algumas definições de ciência são amplas e acabam escapando a especificidade do sentido de ciência que estamos estudando aqui. Exemplo de tais generalidades são as definições de ciência como um corpo de conhecimento sistematizado ou conjunto de verdades certas e logicamente encadeadas entre si, de modo a formar um sistema coerente.

A definição de Goode e Hatt (1967), acerca da ciência como uma definição plausível: É um método de abordagem do mundo empírico, do mundo que é susceptível de ser experienciado pelo Homem. Embora exista nas ciências vários ramos de estudos, daí o termo "ciências" no plural, elas são uma, e tal unidade se fundamenta no método científico e no objetivo de todas as ciências: o conhecimento objetivo-experimental. Por isso, ao se falar de ciências exatas, ciências naturais e ciências humanas estamos a falar de ciência. Após conceituarmos o termo ciência passaremos ao conceito de Ciências Humanas para em seguida darmos início ao estudo do desenvolvimento histórico das ciências humanas, e, por conseguinte, da Antropologia.

Ao definirmos ciências humanas (ou social), faremos em paralelo com a ciência natural. Segundo Mello (1982), "A ordem da natureza, dizia-se, está submetida ao reino do determinismo, é o universo da necessidade: mantendo-se constantes as condições, o mesmo fenômeno reproduzir-se-á indefinidamente" (MELLO,1982). Semelhante consciência e continuidade permite às ciências da natureza edificar leis e teorias explicativas. Em contrapartida, a atividade humana tem um cunho de espontaneidade, de criatividade, de liberdade; escapando a rigidez do determinismo que não pode deixar-se encerrar numa lei explícita.

A Antropologia se inscreve na classificação das ciências humanas, mas não se limitará a esta, pois Antropologia é comumente definida como o estudo do homem e de seus trabalhos, assim definida, deverá incluir algumas ciências naturais e todas as ciências sociais. Os campos estudados por esta disciplina é o da origem do Homem, classificações de suas variedades e a investigação dos chamados povos primitivos.

O desenvolvimento das ciências do homem

Para compreendermos o desenvolvimento das ciências humanas, estudaremos o seu primeiro momento ou fase, o Positivismo. Ao tratarmos do positivismo iremos contextualizá-lo como uma teoria social pertencente às Ciências Humanas. Em seguida apresentaremos as principais características e seus pressupostos epistemológicos. Veremos o pensamento de Max Weber, que em alguns aspectos, também se insere dentro do positivismo.

O termo epistemologia deriva do grego "*epistemi*" e significa ciência. Opõe-se a "*doxa*" que significa opinião. A *epistemi* pretende ser um conhecimento certo, verdadeiro. A ciência que tratava do Homem antes do século XIX era a Filosofia, utilizando o método especulativo utilizado pela metafísica. Na modernidade a Filosofia como Metafísica entra em crise. Kant fará uma crítica à razão pura cujos resultados foram que a Metafísica não se constituía como uma Ciência, a exemplo da Matemática e da Física. A Metafísica não é capaz de produzir uma ciência como o faz a Matemática e a Física. Embora ideias de Deus, mundo, liberdade, alma possam ser pensadas, não podem ser conhecidas. A Metafísica, pensada como os dogmáticos, é uma ilusão, um não conhecimento. Assim, surge um espaço vazio. A Filosofia se viu incapaz de dizer o que é o homem. Este espaço vazio será ocupado pelas ciências humanas, estas com grande prestígio derivado do êxito obtido no campo da Matemática e Física, pretenderá ser a detentora do verdadeiro conhecimento do mundo e do homem.

Nesse momento é notório uma mudança de método, abandona-se o método especulativo (da Filosofia) e adota-se o método da observação, da empiria. Várias ciências surgiram na tentativa de dar conta do humano (Sociologia, Antropologia, História, Geografia, etc.), mas todas tendo como referência as ciências naturais. Esperava-se alcançar nas ciências humanas o mesmo grau de objetividade das ciências naturais.

O Positivismo

O positivismo é uma proposta teórico-metodológica com pretensão de constituir-se como ciência capaz de explicar as relações e fenômenos social. A problemática subjacente que perpassa nosso estudo e nos questiona:

É possível uma ciência humana isenta de valores, dito de outro modo, capaz de alcançar objetividade tal qual as ciências naturais?

O positivismo pode ser explicado a partir de três ideias principais ou hipóteses fundamentais:

- A sociedade humana é regulada por leis naturais, imutáveis, ou seja, não sofre influências da vontade ou ação humana. Essas leis regulamentam a vida social, econômica e política e são do mesmo tipo que as leis naturais.
- O método para conhecer a sociedade são os mesmos utilizados para conhecer a natureza.
- As ciências naturais são ciências objetivas. Livres de juízos e valores, as ciências humanas devem ser do mesmo tipo, ou seja, devem ser objetivas. Os valores são empecilhos à objetividade, são contrários, portanto indesejáveis nesse campo.

Talvez tenhamos um elemento utópico, pois o positivismo “afirma a necessidade e a possibilidade de uma ciência social completamente desligada de qualquer vínculo com as classes sociais, com as posições políticas, os valores morais, as ideologias, as utopias, as visões de mundo”. (LOWY, 1985, p. 36).

O positivismo pretende completar a isenção de preconceitos para as ciências humanas. Sendo filha do Iluminismo, entendemos seus motivos, ao compreendermos o contexto o qual estava inserido, pois lutava contra a ideologia dominante da época, a ideologia clerical, feudal, absolutista. No primeiro momento, o positivismo se mostra possuidor de um caráter utópico, crítico e revolucionário.

O primeiro representante do positivismo foi Condorcet (1743-1794), postulando que a ciência da sociedade deve tornar o caráter de uma matemática social, ou seja, deveria ser preciso, rigoroso e objetivo. Considerava o conhecimento da Física um modelo de ciências isentas de valor ou paixão, assim deveria ser as ciências humanas.

Em seguida temos Saint-Simon (1760-1825), discípulo de Condorcet. Esse formulou uma ciência social segundo o modelo biológico (fisiológico). Sua reflexão tem caráter crítico utópico. Para ele algumas classes são parasitas do organismo social, uma referência à aristocracia e ao clero. Também caracterizada como combatente das classes dominantes.

Com Augusto Conte (1798-1857), temos uma mudança, pois este criticava, seus antecessores em virtude de seu caráter crítico e negativo. Segundo Conte o conhecimento deveria ser positivo. O positivo aqui soa quase como conservador. Embora continue a tradição anterior, considera a ciência natural como paradigma a ser perseguido, chama sua concepção de "física social", é uma ciência que estudará os fenômenos sociais. Esses fenômenos são submetidos a leis invariáveis. Essas leis são naturais. Na economia é natural que as riquezas se acumulem nas mãos de poucos e o proletariado deve se conformar com tais leis imutáveis. Vemos aqui como as ideias de Conte refletem os interesses da nova burguesia já estabelecida. Max critica a existência de tais leis.

Emile Durkheim foi um sociólogo no sentido pleno, por isso, o positivismo depende mais das ideias desse sociólogo do que das ideias do teórico Conte. Para Durkheim o objetivo da sociologia era estudar fatos que obedecem às leis sociais, leis invariáveis do mesmo tipo que as leis invariáveis da natureza. O método era o mesmo.

O cientista social não deve considerar pôr de lado suas pré-noções antes de iniciar sua pesquisa. Deve deixar-se conduzir pela imparcialidade científica. Fazer calar as paixões. Esta tese é mantida por todos os positivistas. É claro que essa imparcialidade não é conseguida nem mesmo por Durkheim, que deixa claro seus valores conservadores em sua obra **As Regras do Método Sociológico**.

Na análise de Max Weber, autor positivista com algumas divergências, acredita como todo positivista, que há possibilidade de uma ciência social livre de juízos de valor. Weber, considerava que toda ciência da sociedade, da história e da cultura implica uma relação com os valores que servem de ponto de partida para a investigação científica. Assim, não considerava algo negativo os valores estarem presentes no início da pesquisa. Os valores são pressupostos indispensáveis a qualquer investigação. Determinam a seleção do objeto, informam a direção da pesquisa, irão fornecer a problemática, ou seja, as perguntas que serão feitas.

Em um segundo momento as respostas sobre os questionamentos, Weber considera que devem ser livres de valores e devem ser neutras diante das Ciências

Sociais. A investigação empírica deve submeter-se a leis ou regras objetivas e universais da ciência “Deste modo, os pressupostos da pesquisa são subjetivos, dependem de valores, mas os resultados da investigação devem ser inteiramente objetivos, isto é, válidos para qualquer investigador.” (LOWY, 1985, p.50).

Historicismo

O historicismo constitui uma das três principais teorias ou concepções acerca do conhecimento social. Abordaremos suas três fases: o saber, a conservadora, e a relativista, desenvolvida por Karl Maurheim, sempre destacando a problemática que subjaz todas essas perspectivas, que é a questão da objetividade, do relativismo e dos juízos de valor, nessas abordagens que pretendem a cientificidade.

O historicismo se norteia por três diretrizes:

- Todo fenômeno social é histórico e só pode ser compreendido dentro da História, através da História.
- Os fatos sociais são diferentes dos fatos naturais. As ciências que os estudam é de um tipo diferente (método diferente).
- Tanto o objeto como o sujeito da pesquisa se encontram imersos no fluxo da história.

O historicismo surge por volta do século XVIII e início do século XIX e tem, nessa primeira fase, um caráter conservador. Visa legitimar as instituições econômicas, sociais e políticas existentes na Alemanha, na Prússia, enfim, na sociedade tradicional representada pelos senhores feudais, como o clero, os valores culturais e religiosos da época. Estes entendiam que estas instituições e a sociedade como um todo eram produtos legítimos do processo histórico, como resultado de séculos e história, resultado de um processo orgânico de desenvolvimento. Portanto, ir contra essa sociedade, era ser um arbitrário superficial e anti-histórico. Daí o historicismo conservador ser contra as posturas revolucionárias, como a Revolução Francesa e contra o próprio capitalismo.

Nesse primeiro período os cientistas sociais não se preocuparam tanto com a objetividade. Só a partir do século XIX, começa o questionamento sobre a objetividade. Foi Droysen, em 1873, que primeiro colocou a perspectiva relativista. Para ele a ciência histórica não é objetiva. Disse: “Eu não aspiro atingir, nada mais, nada

menos do que a verdade relativa ao meu ponto de vista, tal como ele resulta de minha pátria, de minhas convicções políticas e religiosas e do meu estudo sério” (DROYSEN, 1873, p.24).

Dessa forma, não existe uma verdade objetiva, neutra. Existem verdades resultantes de um ponto de vista particular. É obvio que este método só leva a resultados parciais e unilaterais. Mas para ele isso não é algo negativo. “Devemos ter coragem de reconhecer esta limitação e nos consolarmos com o fato de que o limitado e o particular são mais ricos do que o comum e o geral. (LOWY, 1985, p. 71).

O principal representante do grupo nesse segundo momento relativista do historicismo foi Wilhelm Dilthey. Sua primeira contribuição foi distinguir entre ciências materiais e ciências sociais. Este estabeleceu seus critérios para isso. Nas ciências humanas (ou do espírito) o sujeito e o objeto são idênticos. O homem e o objeto, ambos são estudados. São objetos do conhecimento. Nas ciências naturais, apenas a natureza (objeto exterior) é estudada. Sem dúvida o tipo de objetividade alcançada por ambos, são em graus, tipo ou natureza diferente. No segundo critério, os juízos de valores e os juízos de fatos são inseparáveis. Cada sujeito tem seus valores e estão presentes em suas análises da sociedade. No terceiro critério põe a necessidade de não apenas explicar, mas também de compreender os fatos sociais.

Dilthey conclui que “as ciências sociais são produtos históricos e tem sua validade historicamente limitada”. (LÖWY, 1985, p. 74). Dilthey (1985), compreende que a ciência social possui uma contradição. Deseja a objetividade, mas cada obra científica é vinculada a uma visão de mundo. Dilthey (1985), não se deu ao caminho mais fácil, o ecletismo, que todo mundo tem uma parte da verdade. Preferiu o dilema e ficou com o relativismo. Mas o relativismo total conduz ao ceticismo, ou seja, não existe verdade objetiva.

No último momento do historicismo, a sociologia do conhecimento de Karl Mannheim. Este é pensador Húngaro, de cultura alemã. Defende a posição que: “Toda forma de conhecimento ou de pensamento está vinculado ou depende de uma posição social determinada, ou de um social determinado”. (LÖWY, 1985, p. 78). Sua novidade é que relaciona os conhecimentos, as ideologias e utopias com posições sociais, particularmente com a posição de classe. Introduzindo uma dose de Marxismo no relativismo. O conhecimento não é só historicamente relativo, mas é também socialmente relativo. Mannheim formulará o conceito de “ideologia total”, o que é uma certa estrutura de consciência ou certo estilo de pensamento, socialmente condicionado, Löwy, procura explicar: “pode-se estudar com pensadores

totalmente diferentes, mas todos de um mesmo estilo, que resulta do que ele chama de ideologia total, vinculada a uma posição de classe". (LÖWY, 1985, p. 80).

A ideologia total ou visão de mundo, tudo isso determina o processo do conhecimento, porque determina a problemática, a orientação da pesquisa, a análise e a teoria. Essa perspectiva socialmente condicionada, não é só fonte de ignorância, mas também de lucidez, ou seja, aqui se tem uma percepção da realidade, mas esta é limitada e parcial, porque depende de uma posição social.

Mas a questão da objetividade não abandona este autor. Ele perguntará: Qual é a posição que tem as maiores chances ao máximo de verdade? Diz que a classe burguesa tem interesse de esconder do proletariado e de si mesmo a verdade. Assim, escolhe o marxismo como o "observatório" mais elevado, ou seja, a corrente sociológica com mais condições de chegar ao marxismo de objetividade.

Mannheim (1972), se mostra um defensor do relativismo eclético, porque a solução para o problema da objetividade é uma síntese dinâmica dos vários pontos de vista, um centro dinâmico entre os extremos. Ele procura encontrar uma base social para esta síntese, realizada por um grupo social que seja capaz de estudá-la em sua dinâmica de extremos. Para Mannheim (1972), são os intelectuais flutuando livremente, ou intelectuais desvinculados das classes. Não os orgânicos vinculados às classes, mas os livres das classes. Porém, esta tese logo seria abandonada por Mannheim(1972), o qual buscava outra saída para o relativismo.

A solução é a própria sociologia do conhecimento, que revela a dimensão limitada socialmente condicionada de todos os pontos de vista. Deste modo, o sociólogo toma conhecimento das limitações ideológicas do seu próprio conhecimento. Assim poderá fazer uma análise "autocrítica" das suas motivações inconscientes, podendo alcançar um autocontrole e uma autocorreção e chegar a um conhecimento científico objetivo. Essa foi sua grande contribuição, permitir esse autocontrole, essa tomada de consciência pelo cientista social.

Períodos da Antropologia

Como toda ciência, não existe uma data específica para o nascimento da Antropologia. Seu nascimento se dá sempre por um processo lento que implica em criação, acumulação e reformulação de conhecimento.

Período de formação

Este período começa com a própria cultura da humanidade. Diz respeito com toda reflexão do homem sobre si e sobre o universo que o cerca. A preocupação com a origem, a realidade e o destino do Homem sempre esteve presente em todos os povos e sociedades, das mais primitivas às mais modernas.

Como afirma Mercier *apud* Mello (1982, p.180):

[...] o fato importante é que toda sociedade, tendo ou não atingido a fase científica, construiu uma Antropologia a seu jeito: toda organização social, toda cultura tem sido interpretada pelos homens que dela participa; e mais, as próprias noções de organização social e de cultura podem, elas mesmas, ser objeto de reflexão. Sob este ponto de vista a pré-história da Antropologia é longa, tão longa quanto a história da humanidade. Esta Antropologia espontânea não pode ser separada do conjunto de interpretações que o homem elabora a respeito de sua própria condição e está em geral ligada a uma cosmologia. Uma ou outra figuram como temas de estudos da Antropologia científica e certas escolas de pesquisa dão uma importância especial a este aspecto da realidade sociocultural.

(MERCIER *apud* MELLO, 1982, p.180)

Período de convergência

Mercier (1982), considera esse período como o período de construção. Ele considera que existe uma unidade em torno do conceito de evolução, desde o segundo quartel do século XIX. Até o limiar do século XX. Este conceito de evolução, entre 1830 e 1840, está sempre presente, animando as pesquisas e reflexões nos domínios mais diversos como a Biologia, Sociologia e Filosofia, o que dará a Antro-

pologia o seu primeiro impulso e ao período que se estende até quase o final do século sua unidade. Alguns autores ignorarão ou recusarão o evolucionismo, deste modo surgirão temas menores que só tomarão amplitude no século seguinte, mas a maioria o reenvidará.

Robert Harry Lowie (1946), deu-lhe um lugar de destaque entre os pais da Antropologia. Pode-se situar o final deste período por volta de 1896, quando foi apresentada a comunicação de Franz Boas (1896), intitulada ***The Limitations of Comparative Method in Anthropology*** (Limitações do método comparativo na Antropologia). É a primeira contestação vigorosa aos métodos utilizados até então, pela quase totalidade dos antropólogos, estreitamente ligados às teses evolucionistas; é acompanhada de uma tentativa de definição de métodos mais realistas e seguros para a abordagem do estudo dos fatos socioculturais.

A razão do título deste segundo período – de convergências – está no fenómeno que teve início no terceiro decênio do século XIX. Na verdade, Barbachano, é quem levanta a questão no seguinte enunciado: as variadas formulações sobre a sociedade e a cultura surgida na Europa, nos séculos XVIII e XIX, convergem para três objetivos comuns ou seja: a origem, a idade e a mudança.

Outro fato marcante desse período foi o surgimento de várias revisas e numerosas associações científicas. Neste período foram fundadas, entre outras, as seguintes associações científicas: Sociéte d’Ethnologie (1839) e Sociéte d’Anthropologie (1859). Tais sociedades e outras similares podem ser chamadas de científico-humanitárias se considerarmos que o motivo de sua criação e até os recursos para a sua manutenção estavam ligados a um sentimento de humanitarismo com relação aos povos ditos “primitivos” até então espoliados pelas nações europeias. Houve uma preocupação, senão de todo explícita, ao menos implícita, de proteger os povos primitivos da sanha imperialista que até então tinham sido vítimas.

Desde essa época, o antropólogo de campo passou a ser visto como um amigo dos povos primitivos. Em tais sociedades discutem-se a necessidade de proteger a cultura nativa. Desconfiamos que essa preocupação que até hoje perdura não era tanto em face dos direitos dos nativos, mas, em parte, refletia o medo de extinção daqueles povos ameaçando a própria Antropologia. Afinal, a primitividade e a cultura desses povos, eram como de um *video-teipe* da própria evolução humana. Ali estava o Homem como vivera nos estágios inferiores da evolução. Nomes de realce deste período são muitos: Darwin, Tylor, Herbert Spencer, Conter, Paul Broca e muitos outros.

Período da Construção

As associações e sociedades de Antropologia surgem em toda parte. O que distingue este período do anterior é o fato de em 1869, haver aparecido a obra clássica sobre evolução biológica, **A origem das espécies**, de Charles Darwin. Nesse período é que o evolucionismo alcança seu apogeu como teoria. Convém notar que é aí onde nasce a moderna Antropologia. Seu fundador, Edward Tylor, é evolucionista e seus seguidores também. Essa orientação teórica marca todo restante do século e ainda consegue tomar um certo alento no segundo quartel do século XX, com nomes expressivos, como Gordon Childe e Leslie White. Tylor inaugura esta fase com a publicação da obra em 1871, **Cultura primitiva**. Nesta Tylor procura com a utilização do método comparativo, mostrar a evolução pela qual passou a religião através dos tempos. Outra obra marcante foi a do norte americano Lewis Morgan, **A sociedade Primitiva**. Este procurou estabelecer o caminho seguido pela organização familiar através dos vários estágios de desenvolvimento.

Edward Tylor é o nome mais importante da Antropologia Cultural desse período. Foi ele quem definiu o termo cultura e a apresentou-a como objeto da Antropologia, dando-lhe uma sistematização tanto no seu objeto como no seu método: Lewis Morgan, também merece seu realce. É dele o clássico esquema da evolução cultural (selvageria, barbárie e civilização); igualmente importante é o nome de James George Frazer, que também se dedicou ao estudo do fenômeno religioso.

Período da crítica

O período da crítica tem início em 1900, e se arrasta até hoje. É, sem dúvida, o período mais fecundo da Antropologia. Os cânones iniciais da Antropologia foram criticados. Novas abordagens foram propostas. Houve um avanço formidável também nas ciências paralelas. Os meios de comunicação progrediram gradativamente permitindo, assim, uma divulgação e comunicação de ideias mais eficientes. A educação foi mais democratizada. O movimento universitário cresceu. A Antropologia passou a ser disciplina obrigatória em muitas universidades. Em 1908, a Universidade de Liverpool introduz a primeira cátedra de Antropologia Social na Grã-Bretanha.

A preocupação com o desaparecimento dos povos primitivos levou uma parcela de estudiosos a se empenhar numa tarefa, aparentemente de menor importância, de coletar e registrar dados sem uma maior preocupação teórica. Este trabalho é conhecido como etnografia – a descrição dos costumes dos povos. Sabe-se, no en-

tanto que, dificilmente o trabalho etnográfico pode ficar despido de uma conotação teórica. No momento em que se passa a registrar os elementos da cultura, mister se faz uma sistematização. Exigindo uma compreensão do fenômeno cultural, uma teoria a respeito da cultura. Este trabalho foi realizado brilhantemente pela escola americana e teve como nome inspirador Franz Boas *apud* Mello, 1982, p. 195.

Outra orientação estimulante na Antropologia foi a de orientação psicológica que encontrou nos Estados Unidos, seu campo mais fértil. Alguns antropólogos também dedicaram parte de seus esforços ao estudo da linguística. Ainda com respeito aos estudos antropológicos nos EUA. É de salientar o caráter de estudo e pesquisa de campo. Isso não significa que na Europa não tenha havido. Na Inglaterra, por exemplo, o trabalho de campo encontrou em Malinwsky um grande expoente. Foi certamente o maior e o mais metódico pesquisador de campo. Formou muitos discípulos na difícil tarefa da pesquisa de campo. Curiosos por observar e na Inglaterra, foi muito comum a prática de estudos ou trabalho de campo servirem para a iniciação dos novos antropólogos. Uma pesquisa de campo era o coroamento da formação do antropólogo.

Desse período também, observamos a evolução da escola funcionalista de Malinwsky. O funcionalismo da escola de Malinwsky não é igual ao que existia até então na Sociologia. Ele apresenta uma nova visão, alvo de críticas, mas é inegável ter aberto uma nova orientação nos estudos antropológicos. A Inglaterra, também, nos deu outro nome que muito se aproximava do francês Émile Durkheim; trata-se do funcionalismo de Radcliffe-Brown. Este falava de estrutura social e seria o criador do estruturalismo inglês que se aproxima do estruturalismo francês de Lévi-Strauss.

A França aparece neste período com uma superescola de Antropologia, e seu maior nome é Lévi-Strauss, nem tanto por sua validade e originalidade, mas principalmente por suas ambições de abrangência teórica e amplitude de seu objeto de estudo. Essa escola traz a marca francesa - teoria bem elaborada, mas assaz deficiente no que diz respeito aos métodos e às técnicas de pesquisa de campo.

Em suma, esse período e o atual momento dos estudos antropológicos, se encontram em completa ebulição. Muitas frentes de estudos se abrem. A crítica ainda é a sua marca dominante.

Os países de Terceiro Mundo são um campo a ser explorado por essas nações e será uma espécie de reflexão sobre suas próprias culturas, ensejando um reflorescimento dos estudos de aculturação, ou seja, um estudo dos efeitos da aculturação secular por elas sofrida. Isso nos leva a um estudo da difusão em ritmo de meios de

comunicação sofisticados. Dando início a um novo campo para a Antropologia: os estudos urbanos antropológicos ou seja os estudos a respeito da cultura popular, do folclore e dos efeitos da urbanização patógena sobre as manifestações dessa cultura. Como extensão desses estudos estará também o estudo da cultura de massa.

Os fundadores da etnografia

Franz Boas (1858-1942)

A partir dos conceitos de Franz Boas, assistimos a uma verdadeira virada da prática antropológica. Boas era antes de tudo um homem de campo. Suas pesquisas, totalmente pioneiras, iniciadas a partir dos últimos anos do século XIX (em particular entre os Kwakiutl e os Chinook de Columbia Britânica, no Canadá), eram conduzidas de um ponto científico que hoje qualificamos de microssociológico. No campo, ensina Boas, tudo deve ser anotado: desde os materiais constitutivos das casas até as notas das melodias cantadas pelos esquimós, e isso bem detalhado. Tudo deve ser objeto da descrição mais meticulosa (por exemplo, as diferentes versões de um mito, ou diversos ingredientes entrando na composição de um alimento).

Por outro lado, enquanto as sociedades tinham sido realmente consideradas em si e para si mesmas, cada uma dentre elas adquire o estatuto de uma totalidade autônoma. O primeiro a formular com seu colaborador Lowie (1971), a crítica mais radical e mais elaborada das noções de origem e de reconstituição dos estágios. Franz Boas, mostra que um costume só tem significação se for relacionado ao contexto particular no qual se inscreve.

Morgan e, muito antes Montesquieu, tinham aberto o caminho a essa pesquisa, cujo objeto é a totalidade das relações sociais e dos elementos que a constituem. Segundo Franz Boas a diferença é que para compreender o lugar particular ocupado por esse costume não se pode mais confiar nos investigadores e, muito menos nos costumes da "metrópole". Apenas o antropólogo pode elaborar uma monografia, isto é, dar conta cientificamente de uma microssociedade, apreendida em sua totalidade e considerada em sua autonomia teórica. Pela primeira vez, o teórico e o observador estão finalmente reunidos. Assistimos ao nascimento de uma verdadeira etnografia profissional que não se contenta mais em coletar materiais à maneira dos antiquários, mas procura detectar o que faz a unidade da cultura que se expressa através desses diferentes materiais.

Boas, considera que não há objeto nobre nem objeto indigno da ciência. As piadas de um contador são tão importantes quanto a mitologia que expressa o patrimônio metafísico do grupo. Em especial, a maneira pela qual as sociedades tradicionais, na voz dos mais humildes classificam suas atividades mentais e sociais. Com base nesse pensamento, Boas inaugura a constituição do que hoje chamamos de "etnociências", sendo um dos primeiros a apresentar para o etnólogo a importância e a necessidade do acesso à língua da cultura na qual trabalha.

A influência de Boas foi considerável, sendo um dos primeiros etnógrafos. A sua preocupação de precisão na descrição dos fatos observados, acrescentava-se a de conservação metódica do patrimônio recolhido (foi conservador do museu de Nova Iorque). Foi finalmente, enquanto professor, o grande pedagogo que formou a primeira geração de antropólogos americanos (Kroeber, Lowie, Sapir, Herskovitz, Linton, R. Benedict, e M. Mead). Franz Boas, permanece sendo o mestre incontestado da Antropologia americana na primeira metade do século XX.

Malinowski (1884-1942)

Malinowski, dominou incontestavelmente a cena antropológica, de 1922, ano de publicação de sua primeira obra, **Os Argonautas do Pacífico Ocidental**, até sua morte, em 1942. Foi o primeiro a conduzir cientificamente uma experiência etnográfica, isto é, foi o primeiro, a morar com as populações que estudava afim de recolher seus materiais como seus idiomas, seus dialetos e radicalizou essa compreensão por dentro, rompendo ao máximo os contatos com o mundo europeu. Ninguém antes dele tinha se esforçado tanto para penetrar nas comunidades. Malinowski realizou durante duas estadias sucessivas nas ilhas Trobriand, a compreensão de uma verdadeira busca de despersonalização do que sentem os homens e as mulheres que pertencem a uma cultura diferente da nossa.

Boas procurava estabelecer repertórios exaustivos, e muitos entre seus seguidores nos Estados Unidos (Kroeber, Murdock) procuraram definir as correlações entre o maior número possível de variáveis. Malinowski considera esse trabalho de Boas, uma aberração, pois convém mostrar que a partir de um único costume, ou mesmo de um único objeto (por exemplo, a canoa trobriandesa) aparentemente muito simples, aparece o perfil do conjunto de uma sociedade.

Instaurando uma ruptura com a história conjectural (a reconstituição especulativa dos estágios), e também com a geografia especulativa (a teoria difusionista, que

tende, no início do século, a ocupar o lugar do evolucionismo, e postula a existência de centros de difusão da cultura, a qual se transmite por empréstimos), Malinowski considera que uma sociedade deve ser estudada enquanto uma totalidade, tal como funciona no momento mesmo onde a observamos.

Quando perguntávamos a Malinowski por que ele próprio não ia observar as sociedades a partir das quais tinha construído sua obra? Respondia: -"Deus me livre!". **Os Argonautas do Pacífico Ocidental**, embora tenha sido editado alguns anos após o fim da publicação de **O Ramo de Ouro**, com um prefácio, notamos que o próprio Frazer, adota uma abordagem rigorosamente inversa: analisar de uma forma intensiva e contínua uma micro sociedade sem referir-se a sua história. Enquanto Frazer procurava responder à pergunta: "-Como nossa sociedade chegou a se tornar o que é?"; e respondia escrevendo essa obra épica da humanidade **O Ramo de Ouro**, Malinowski se pergunta o que é uma sociedade dada em si mesma e o que a torna viável para os que a ela pertencem? Observando-a no presente através da interação dos aspectos que a constituem.

Com Malinowski, a Antropologia se torna uma "ciência" da alteridade que vira as costas ao empreendimento evolucionista de reconstituição das origens da civilização, e se dedica ao estudo das lógicas particulares, características de cada cultura. O que o leitor aprende ao ler **Os Argonautas** é que os costumes dos Trobriandeses, tão profundamente diferentes dos nossos, tem uma significação e uma coerência. Não são puerilidades que testemunham alguns vestígios da humanidade, e sim sistemas lógicos perfeitamente elaborados.

Hoje, todos os etnólogos estão convencidos de que as sociedades diferentes das que conhecemos, são sociedades humanas, tanto quanto a nossa, que os homens e mulheres que nelas vivem são adultos que se comportam diferentemente de nós, e não primitivos, autômatos atrasados (em todos os sentidos do termo) que pararam em uma época distante e vivem presos a tradições estúpidas. Mas nos anos 20 isso, era propriamente revolucionário.

A fim de pensar essa coerência interna, Malinowski elabora uma teoria (o funcionalismo) que tira seu modelo das ciências da natureza: o indivíduo sente um certo número de necessidades, e cada cultura tem precisamente como função a de satisfazer à sua maneira essas necessidades fundamentais. Cada uma realiza isso elaborando instituições (econômicas, políticas, jurídicas, educativas...), fornecendo respostas coletivas e organizadas, que constituem, cada uma a seu modo, soluções originais que permitem atender a essas necessidades.

Outra característica do pensamento do autor de **Os Argonautas** é, sua preocupação em abrir as fronteiras disciplinares, devendo o homem ser estudado através da tripla articulação do social, do psicológico e do biológico. Convém em primeiro lugar, para Malinowski, localizar a relação estreita do social e do biológico; o que decorre do ponto anterior, pois para ele, uma sociedade funcionando como um organismo, as relações biológicas devem ser consideradas não apenas como o modelo epistemológico que permite pensar as relações sociais, e sim como o seu próprio fundamento. Além disso, uma verdadeira ciência da sociedade implica, ou melhor, inclui o estudo das motivações psicológicas, dos comportamentos, o estudo dos sonhos e dos desejos do indivíduo. E Malinowski, quanto a esse aspecto (que o separa radicalmente, como veremos, de Durkheim), vai muito além da análise da afetividade de seus interlocutores. Este procura reviver nele próprio os sentimentos dos outros, fazendo da observação participante, uma participação psicológica do pesquisador, que deve “compreender e compartilhar os sentimentos” destes últimos “interiorizando suas reações emotivas”.

O fato da obra (e a própria personalidade) de Malinowski ter sido provavelmente a mais controversa de toda a história da Antropologia (isso inclusive quando era vivo) se deve a duas razões, ligadas ao caráter sistemático de sua reação ao evolucionismo.

- 1) Os antropólogos da época vitoriana identificavam-se totalmente com a sua sociedade, isto é, com a “civilização industrial”, considerada como “a civilização”, e com seus benefícios. Em relação a esta, os costumes dos povos “primitivos” eram vistos como aberrantes. Malinowski inverte essa relação: a Antropologia supõe uma identificação (ou, pelo menos, uma busca de identificação) com a alteridade, não mais considerada como forma social anterior à civilização, e sim, como forma contemporânea mostrando-nos com sua pureza aquilo que nos faz tragicamente falta: a autenticidade. Assim sendo, a aberração não está mais do lado das sociedades “primitivas” e sim do lado da sociedade ocidental.
- 2) Convencido de ser o fundador da Antropologia Científica Moderna. Elaborou, sobretudo durante a última parte de sua vida, uma teoria de uma extrema rigidez, que contribuiu, em grande parte, para o descrédito do qual ele ainda é objeto: o “funcionalismo”.

Nesta perspectiva, as sociedades tradicionais são sociedades estáveis e sem conflitos, visando um equilíbrio através de instituições capazes de satisfazer as necessidades dos homens. Essa compreensão naturalista e

otimista de uma totalidade cultural integrada, que postula que toda sociedade é tão boa quanto pode ser, pois suas instituições estão para satisfazer a todas as necessidades, defronta-se com duas grandes dificuldades: como explicar a mudança social? Como dar conta do disfuncionamento e da patologia cultural?

A partir de sua própria experiência, limitada a um minúsculo arquipélago que permanece, no início do século, relativamente afastado dos contatos interculturais - Malinowski, baseando-se no modelo do finalismo biológico, estabelece generalizações sistemáticas que não hesita em chamar de "leis científicas da sociedade". Além disso, esse funcionalismo "científico" não tem relação com a realidade da situação colonial dos anos 20, situação essa, totalmente ocultada. A Antropologia vitoriana, era a justificação do período da conquista colonial. O discurso monográfico e a-histórico do funcionalismo passa a ser a justificação de uma nova fase do colonialismo.

Contribuições

Além das críticas que o próprio Malinowski contribuiu em provocar, tudo o que devemos a ele permanece ainda hoje considerável.

- Compreendendo que o único modo de conhecimento em profundidade dos outros é a participação a sua existência, ele inventa literalmente, sendo o primeiro a pôr em prática a observação participante, dando-nos o exemplo do que deve ser o estudo intensivo de uma sociedade que nos é estranha. O fato de efetuar uma estadia de longa duração impregnando-se da mentalidade de seus hóspedes e esforçando-se para pensar em sua própria língua/dialeto pode parecer banal hoje. Não o era durante os anos 1914-1920, na Inglaterra, e muito menos na França. Malinowski nos ensinou a olhar. Deu-nos o exemplo daquilo que devia ser uma pesquisa de campo, que não tem mais nada a ver com a atividade do "investigador" questionando "informadores".
- Em **Os Argonautas do Pacífico Ocidental**, pela primeira vez, o social deixa de ser anedótico, curiosidade exótica, descrição moralizante ou coleção exaustiva erudita. Pois, para alcançar o homem em todas as suas dimensões, é preciso dedicar-se à observação de fatos sociais aparentemente minúsculos e insignificantes, cuja significação só pode ser encontrada nas suas posi-

ções respectivas no interior de uma totalidade mais ampla. Assim, as canoas trobriandesas (das quais falamos acima) são descritas em relação ao grupo que as fabrica e utiliza, ao ritual mágico que as consagra, às regulamentações que definem sua posse etcetera. Algumas transportando de ilha em ilha colares de conchas vermelhas, outras, pulseiras de conchas brancas, efetuando em sentidos contrários percursos invariáveis, passando necessariamente de novo por seu local de origem, Malinowski mostra que estamos frente a um processo de troca generalizado, irreduzível a dimensão econômica apenas, pois nos permite encontrar os significados políticos, mágicos, religiosos, estéticos do grupo inteiro.

Os Jardins de Coral, o segundo grande livro de Malinowski, trabalha com a mesma abordagem. Esse “estudo dos métodos agrícolas e dos ritos agrários nas ilhas Trobriand”, longe de ser uma pesquisa especializada sobre um fenômeno agrônômico dado, mostra que a agricultura dos Trobriandeses inscreve-se na totalidade social desse povo, e toca em muitos outros aspectos que não a agricultura.

- Finalmente, uma das grandes qualidades de Malinowski é sua faculdade de restituição da existência desses homens e dessas mulheres que puderam ser conhecidos apenas através de uma relação e de experiências pessoais. Mesmo quando estuda instituições, não são nunca vistas como abstrações reguladoras da vida de atores anônimos. Seja em **Os Argonautas** ou **Os Jardins de Coral**, ele faz reviver para nós esse povo trobriandesas que não poderemos nunca mais confundir com outras populações “selvagens”. O Homem nunca desaparece em proveito do sistema. Ora, essa exigência de conduzir um projeto científico sem renunciar à sensibilidade artística chama-se etnologia.

Malinowski ensinou a muitos entre nós não apenas a olhar, mas a escrever, restituindo às cenas da vida cotidiana seu relevo e sua cor. Quanto a isso, **Os Argonautas** me parece exemplar. É um livro escrito num estilo magnífico que aproxima seu autor de um outro polonês que, como ele, viveu na Inglaterra Joseph Conrad, e que anuncia as mais bonitas páginas de **Tristes Trópicos**, de Levi Strauss.

A Antropologia contemporânea é frequentemente ameaçada pela abstração e sofisticação dos protocolos, podendo, como mostrou Devereux (1980), ir até a destruição do objeto que pretendia estudar, e,

conjuntamente, da especificidade da nossa disciplina. “Um historiador”, escreve Firth (p.86, 1914) “pode ser surdo, um jurista pode ser cego, um filósofo pode a rigor ser surdo e cego, mas é preciso que o antropólogo entenda o que as pessoas dizem e veja o que fazem”. Ora, a grande força de Malinowski foi ter conseguido fazer ver e ouvir aos seus leitores aquilo que ele mesmo tinha visto, ouvido, sentido. **Os Argonautas do Pacífico Ocidental**, publicado com fotografias tiradas a partir de 1914, por seu autor, abre o caminho daquilo que se tornaria a Antropologia audiovisual.

Os Primeiros Teóricos da Antropologia:

Durkheim e Mauss

Boas e Malinowski fundaram a etnografia nos anos que antecederam a Primeira Guerra Mundial. Embora Boas tenha recolhido com a precisão de um naturalista os fatos no campo, não era um teórico. Quanto a Malinowski, a parte teórica de suas pesquisas é provavelmente, como acabamos de ver, o que há de mais contestável em sua obra. A Antropologia precisava ainda elaborar instrumentos operacionais que permitissem construir um verdadeiro objeto científico. É precisamente nisso que se empenharam os pesquisadores franceses dessa época, que pertenciam à chamada «escola francesa de Sociologia».

Se existe uma autonomia do social, ela exige, para alcançar sua elaboração científica, a constituição de um quadro teórico, de conceitos e modelos que sejam próprios da investigação do social, isto é, independentes tanto da explicação histórica (evolucionismo) ou geográfica (difusionismo), quanto da explicação biológica (o funcionalismo de Malinowski) ou psicológica (a psicologia clássica e a psicanálise principiante).

Convém notar desde já - e isso terá consequências essenciais para o desenvolvimento contemporâneo de nossa disciplina - que não são de forma alguma, etnólogos de campo, e sim filósofos e sociólogos - Durkheim e Mauss, de quem falaremos agora - que forneceram à Antropologia o quadro teórico e os instrumentos que lhe faltavam ainda.

Durkheim, nascido em 1858, o mesmo ano que Boas, mostrou em suas primeiras pesquisas preocupações muito distantes das da etnologia, e mais ainda da

etnografia. Em **As Regras do Método Sociológico** (1894), ele opõe a “precisão” da História à “confusão” da Etnografia, e se dá como objeto de estudo “as sociedades cujas crenças, tradições, hábitos, direito, incorporaram-se em movimentos escritos e autênticos”. Mas, em **As Formas Elementares da Vida Religiosa** (1912), ele revisa seu julgamento, considerando que é não apenas importante, mas também necessário estender o campo de investigação da sociologia aos materiais recolhidos pelos etnólogos nas sociedades primitivas.

Sua maior preocupação é mostrar que existe uma especificidade do social, e que convém conseqüentemente emancipar a sociologia, ciência dos fenômenos sociais, dos outros discursos sobre o homem, e, em especial, o da psicologia. Se não nega que a ciência possa progredir por seus confins, considera que na sua época é vantajoso para cada disciplina avançar separadamente e construir seu próprio objeto. “A causa determinante de um fato social deve ser buscada nos fatos sociais anteriores e não nos estados da consciência individual”.

Durkheim não procura questionar a existência desta, nem a pertinência da psicologia. Mas opõe-se às explicações psicológicas do social (sempre “falsas”, segundo sua expressão). Por exemplo, a questão da relação do homem com o sagrado não poderia ser abordada psicologicamente estudando os estados afetivos dos indivíduos, nem mesmo através de alguma psicologia “coletiva”. Da mesma forma, que a linguagem, também fenômeno coletivo, não poderia encontrar sua explicação na psicologia dos que a falam, sendo absolutamente independente da criança que a aprende, é-lhe exterior, a precede e continuará existindo muito tempo depois de sua morte.

Essa irreduzibilidade do social aos indivíduos (que é a pedra-de-toque de qualquer abordagem sociológica) tem para Durkheim a seguinte consequência: os fatos sociais são “coisas” que só podem ser explicados sendo relacionados a outros fatos sociais. Assim, a sociologia conquista pela primeira vez sua autonomia ao constituir um objeto que lhe é próximo, por assim, dizer arrancado ao monopólio das explicações históricas, geográficas, psicológicas, biológicas da época.

Esse pensamento durkheimiano - que, observamos, é tão funcionalista quanto o de Malinowski, mas não deve nada ao modelo biológico - vai através de suas novas exigências metodológicas, renovar profundamente a epistemologia das ciências humanas da primeira metade do século XX, ou, mais exatamente, das ciências sociais destinadas a se separar destas. Vai exercer uma influência considerável sobre a pesquisa antropológica, particularmente na Inglaterra e evidentemente

na França, o país de Durkheim. Nossa disciplina não se emancipou realmente da sociologia.

Marcel Mauss (1872-1950) nasceu, como Durkheim, em Epinal, quatorze anos após este, de quem é sobrinho. Suas contribuições teóricas respectivas na constituição da Antropologia moderna são ao mesmo tempo muito próximas e muito diferentes. Se Mauss faz, tanto quanto Durkheim, questão de fundar a autonomia do social, separa-se muito rapidamente do autor de **As Regras do Método Sociológico** a respeito de dois pontos essenciais: o estatuto que convém em atribuir à Antropologia, uma exigência epistemológica que hoje qualificamos de pluridisciplinar. (LAPLANTINE, 2003).

Durkheim considerava os dados recolhidos pelos etnólogos nas sociedades “primitivas” sob o ângulo exclusivo da sociologia, da qual a etnologia (ou Antropologia) era destinada a se tornar um ramo. Mauss vai trabalhar incansavelmente, durante toda sua vida (com Paul Rivet), para que esta seja reconhecida como uma ciência verdadeira, e não como uma disciplina anexa. Em 1924, escreve que “o lugar da sociologia” está “na Antropologia” e não o inverso.

Um dos conceitos forjados por Mauss foi o do fenômeno social total, consistindo na integração dos diferentes aspectos (biológico, econômico, jurídico, histórico, religioso, estético), constitutivos de uma dada realidade social que convém apreender em sua integralidade. “Após ter forçosamente dividido um pouco exageradamente”, escreve ele, é preciso que os sociólogos se esforcem em recompor o todo”. Ora, prossegue Mauss, os fenômenos sociais são “antes sociais, mas também conjuntamente e ao mesmo tempo - sociológicos e psicológicos” (LAPLANTINE, 2003, p. 69). Ou ainda: “O simples estudo desse fragmento de nossa vida que é nossa vida em sociedade não basta” (LAPLANTINE, 2003, p. 69). Não se pode, ainda, afirmar que todo fenômeno social é também um fenômeno mental, da mesma forma que todo fenômeno mental é também um fenômeno social, devendo as condutas humanas ser apreendidas em todas as suas dimensões, e particularmente em suas dimensões sociológica, histórica e psicofisiológica.

Assim, essa “totalidade folhada”, segundo a palavra de Levi-Strauss, comentador de Mauss (1960), isto é, “formada de uma multitude de planos distintos”, só pode ser apreendida na experiência dos indivíduos”. Devemos, escreve Mauss, “observar o comportamento de seres totais, e não divididos em faculdades”. E a única garantia que podemos ter de que um fenômeno social corresponda a realidade da qual procuramos dar conta

é que possa ser apreendido na experiência concreta de um ser humano, naquilo que tem de único: "O que é verdadeiro, não é a oração ou o direito, e sim o melanésio de tal ou tal ilha". (LAPLANTINE, 2003, p. 69).

Para alcançar o sentido e a função de uma instituição é necessário reviver sua incidência através de uma consciência individual, consciência esta que é parte da instituição e, portanto, do social. Finalmente, para compreender um fenômeno social total, é preciso apreendê-lo totalmente, isto é, de fora como uma "coisa", mas também de dentro como uma realidade vivida. É preciso compreendê-lo alternadamente tal como o percebe o observador estrangeiro (o etnólogo), mas também tal como os atores sociais o vivem. O fundamento desse movimento de desdobramento ininterrupto diz respeito à especificidade do objeto antropológico. É um objeto de mesma natureza que o sujeito, que é ao mesmo tempo – emprestando o vocabulário de Mauss e Durkheim - "coisa" e "representação". O que caracteriza o modo de conhecimento próprio das ciências do Homem, é que o observador-sujeito, para compreender seu objeto, esforça-se para viver nele mesmo a experiência deste, o que só é possível porque esse objeto é, tanto quanto ele, sujeito. (LAPLANTINE, 2003, p. 70).

Trabalhando inicialmente com uma abordagem semelhante à de Durkheim, a reflexão de Mauss desembocou em posições muito diferentes. Estamos longe do distanciamento sociológico que supõe a metodologia durkheimiana, e próximos da prática etnográfica de Malinowski. Este último ponto merece alguns comentários.

Os Argonautas do Pacífico Ocidental, de Malinowski, e o **Ensaio sobre o Dom**, de Mauss, são publicados com um ano de intervalo (o primeiro em 1922, o segundo em 1923). As duas obras são muito próximas uma da outra. A segunda supõe o conhecimento dos materiais recolhidos pelo etnógrafo. A primeira exige uma teoria que será precisamente constituída pelo antropólogo. **Os Argonautas** são uma descrição meticulosa desses grandes circuitos marítimos transportando, nos arquipélagos melanésicos, colares e pulseiras de conchas: a *kula*. **O Ensaio sobre o Dom** é uma tentativa de esclarecimento e elaboração da *kula*, através da qual Mauss, não apenas visualiza um processo de troca simbólica generalizado, mas também começa a extrair a existência de leis da reciprocidade (o dom e o contradom) e da comunicação, que são próprias da cultura em si, e não apenas da cultura trobriandesa. Enquanto **Os Argonautas**, a obra menos teórica de Malinowski, evidencia o que Leach chama de "inflexão biológica", o **Ensaio sobre o Dom** já expressa preocupações estruturais. (LAPLANTINE, 2003, p. 70).

O fato de poder ser abordada de diferentes maneiras, de suscitar interpretações múltiplas, é próprio de toda obra importante, e a obra de Mauss está incontavelmente entre estas. Muitos mestres da Antropologia do século XX (como Marcel Griaule, fundador da etnografia francesa, em Claude Lévi-Strauss, pai do estruturalismo, em Georges Devereux, fundador da etnopsiquiatria) o consideram como seu próprio mestre. Mauss, ocupa na França um lugar bastante comparável ao de Boas, nos Estados Unidos, especialmente para todos os que, influenciados por ele, procuraram promover a especificidade e a unidade das ciências do Homem.



3

A ANTROPOLOGIA EM USO

CONHECIMENTO

Conhecer a arte do fazer antropológico como preparação necessária para pesquisa de campo, destacando o método válido para produzir conhecimento e sua importância como objeto de reflexão.

HABILIDADE

Reconhecer a Antropologia como ciência de estudo e aplicabilidade na prática.

ATITUDES

Empregar o conhecimento teórico adquirido na realização de uma pesquisa de campo incorporando-a aos conceitos aqui aprendidos na sua práxis.

As artes do fazer antropológico

A Antropologia é uma ciência “dos observadores capazes de observarem a si próprios.” (LAPLAMTINE, 1998, p. 170).

Durante o estudo das unidades anteriores podemos observar e compreender que Antropologia passou por um processo de polimento, não só da sua questão matriz, mas dela mesma como disciplina. Com grau de polimento alcançado, a Antropologia transformou-se numa peça capaz de ser empregada para refletir a própria imagem do Homem como um espelho. Ao bem da verdade, a grande parte dos trabalhos antropológicos são formas distintas de termos acesso tanto aos espelhos como as imagens daqueles homens em sua realidade presenciada.

O que deu sustentação para que a Antropologia tornasse essa espécie de grande vidraçaria a permitir confeccionar os mais diversos espelhos do Homem foi o trabalho de campo, em outras palavras, a pesquisa de campo. A Bronislaw Malinowski, nos anos vinte, do século anterior, é mérito dele ter estabelecido com a sua pesquisa e obra, **Argonautas do Pacífico Ocidental** o plano de trabalho, quanto do uso da observação participante em campo.

A partir de Malinowski o trabalho de campo se efetivou como prática antropológica e adquiriu a mesma importância do laboratório usado pelas ciências naturais. Desta forma, a ida ao campo e os métodos que lá se aplicam como a observação participante e as entrevistas, passaram a ser o caminho para a ampliação da teoria antropológica ou da sua negação. Pois ao invés da companhia da biblioteca, de agora em diante, o antropólogo passou a se encontrar cada vez mais, a olho nu com as diferenças do outro, a contrastar com seu próprio olhar.

Assim, o que o trabalho de campo impõe ao antropólogo é a necessidade de mudar a postura para com os costumes considerados como exóticos. Em lugar de classifica-los e de colecionar objetos que os representem para compor um museu ou uma coleção particular de costumes exóticos. Inicia-se a observar os costumes e registrá-los como integrantes de uma dada realidade social e cultural, que representa os sentidos e os significados das experiências de indivíduos definidos pelo termo “outro”.

Talvez seja válido reconhecer que tanto o trabalho de campo quanto metódico

são instrumentos que proporcionam à Antropologia testar seus conceitos, teorias e os modelos de interpretação dos sistemas sociais oriundos das observações das experiências humanas. Portanto, a viagem do antropólogo ao campo guiado pelo seu referencial teórico, apreendido na universidade, bem como da sua sensibilidade de registrar o que está diante dele, formam uma possibilidade verdadeira de surgir um novo olhar antropológico. Desta forma, a Antropologia está sempre aberta a ser reinventada a partir do que ela obteve anteriormente da posição e do ponto de vista do "outro". Em suma, ela se reinventa por meio do encontro dos antropólogos com os outros e dos antropólogos com as teorias antropológicas.

Além de testar as certezas antropológicas, o campo casado com a teoria possibilita montar um diálogo perpétuo entre as diversas experiências humanas, assentadas não numa mesa de vidro, mas numa mesa imaginária que é a escrita antropológica, para que o homem possa se reconhecer em suas experiências. E, deste modo, se posicione em seu lugar de forma mais ordeira.

Portanto, a maior herança que a Antropologia vem proporcionando com o trabalho de campo é de tornar visível à experiência da existência de formas de sociabilidade e de relacionamentos social distintos que são o que são por causa das ações e das crenças reinante naquelas sociabilidades de relacionamentos. Assim, o que está em jogo nesse contato entre antropólogo e campo é a produção de espelhos. Ele é fabricado ao se estudar uma dada situação social e compará-la a realidade do antropólogo. O exemplo a seguir exemplifica melhor isto.

Se você estudar as castas da Índia, terá condições de visualizar até que ponto a estrutura que sustenta a hierarquia das castas se faz presente em nossa sociedade através de outras formas, mas que tem efeito semelhante de barrar a ascensão social ou de justificar lugar dos subordinados, como é tão similar em nosso país o papel do preconceito racial que funciona como fator hierarquizante entre os brasileiros, ao mesmo tempo, que serve para justificar porque afrodescendentes estão situados em condições tão difíceis no Brasil.

Adquirido bagagem para ir ao campo

Para o antropólogo o trabalho de campo é um esforço em direção ao outro para poder traduzi-lo. É uma espécie de tradução para o antropólogo porque chega-se apenas a compreender o que o outro representa para ele. O que se compreende é redigido em um **diário de campo** com o intuito dos registros da tradução

ser comparado com que ele compreende da sua própria cultura. Dessa relação de comparação por contraste dos dois sistemas culturais gradativamente tornam-se visível as variáveis de organizações sociais que estavam ocultas.

Desta forma o lado mais estimulante do processo de constituição da Antropologia como disciplina com *status* de ciência é o contato com o campo. Ele proporciona todo um desvendamento do *métier* de antropólogo que os séculos anteriores não proporcionaram por estar o saber e o fazer antropológico enclausurado em gabinetes de museus ou não. Nos gabinetes homens experientes em história natural e Filosofia social liam os relatórios de missionários e viajantes que chegavam as suas mãos e construíam textos pretensamente antropológicos com informações não colhidas por eles.

Todavia a ida ao campo e o saber funcionará para qualificar todo um estilo de produção de conhecimento antropológico, bem como, de caracterizar o ofício do antropólogo que hoje conhecemos por meio das universidades. Isto de forma tão intensa, que há uma constante reavaliação na perspectiva de trabalho de campo para se alcançar um novo patamar de clareza, de compreensão teórico-empírico do campo e da própria teoria antropológica. Portanto, observar como a prática de campo é refletida e produzida continua sendo uma tripla oportunidade. Primeiro para conhecermos a Antropologia, segundo para propor uma nova concepção de Antropologia e por fim, estimular a nos imaginarmos agindo como antropólogo no dia a dia.

Para que possamos exercitar esta prática é indispensável acompanhar aqueles que tomaram o campo como objeto de reflexão da disciplina. Neste sentido escolhemos o antropólogo Roberto Cardozo de Oliveira (2006). Para Oliveira (2006), o *métier* do antropólogo enraíza-se na perspectiva de apreensão da realidade social tendo como instrumentos de trabalho indispensável o olhar, o ouvir e o escrever. Ou seja, a larga revolução que a Antropologia forjou no século XVIII, a determinar seu objeto de estudo, como estando ligado a “um olhar específico”, encravado na própria epistemologia da Antropologia que continua a ser cultivada e ampliada até hoje.

Isto significa dizer que o olhar do antropólogo é sempre mediado por referencial teórico que o livra de um olhar ingênuo para um evento ou para uma feijoada. Para ele por conta do seu aporte teórico, a depender do contexto; os quitutes na panela é uma comilança que reproduz a mistura das relações sociais do país. Por isso, ela representa um dos símbolos da identidade da nação brasileira como é a bandeira nacional.

O antropólogo a decidir aprofundar seus dados a respeito da feijoada que está sendo servida no fundo do quintal da mansão no bairro nobre, tem além do olhar para perscrutar as relações em vista, mantida daquele momento que observava os participantes, necessita recorrer ao ouvir, com o intuito de saber se a feijoada é para celebra o batismo de um membro da família recém-nascido ou para festejar alguma entidade do terreiro de umbanda presente no interior da mansão.

Com o ouvir o antropólogo penetra no vernáculo das ideias que sintetiza o sentido da feijoada, se em prol da comemoração do batismo ou do ritual sagrado da umbanda. Neste aspecto as conversas no fundo do quintal, são cada uma delas, intervenções para realizar uma espécie de mini entrevistas. Talvez para o senso comum a maior dificuldade de uma entrevista está situada no idioma do pesquisador que é diferente do investigado, se constitua numa fronteira linguística, um antropólogo brasileiro em contato com um esquimó por exemplo.

No entanto, isto não é a única fronteira linguística possível de afetar o antropólogo na busca por ouvir seus informantes. Para Roberto Cardoso de OLIVEIRA (2006), a fronteira dos “idiomas culturais” é outra. A medida que o mundo do antropólogo é outro culturalmente, colorido com camadas de significados advindo das disciplinas curriculares e da própria posição social que ocupa na sociedade.

A completar os instrumentos de trabalho de campo encontra-se o escrever. Como o olhar e o ouvir, o escrever sofre disciplinamento de *corpus* teóricos, porém de forma mais intensa. Pelo ato de escrever exige uma ação reflexiva a elevar a própria escrita a tornar-se reflexiva. Em outras palavras, “os vistos” e “os ouvidos” serão transformados em conhecimento inteligível para a comunidade de antropólogos através do *cânon da escrita* que ritualiza o vocabulário pertencente a disciplina antropológica.

Portanto, ausente do campo, a escrita empresta pequenos fragmentos que o olhar e o ouvir registrou em campo, categorias de conceitos que os restituam e os repositonam em uma nova ordem de saber, numa nova classificação, por conseguinte num novo lugar epistêmico que costumeiramente o conhecimento do senso comum desconhece por comungar de outra linguagem para escrever e para se comunicar.

É, portanto, nesta relação interrupta de experimentar o olhar, o ouvir e o escrever, mediado pelo princípio de reflexividade do conhecimento (GIDDENS, 1994) que a Antropologia e o antropólogo exercitam e absorvem novas formas de se questionar, para poder encontrar novas possibilidades de converter o conhecimento da realidade social em conhecimento antropológico.

Os procedimentos de quem estiver em campo.

A notícia da existência da comunidade rural negra, denominada Negros do Riacho, veio em 1996, por intermédio do historiador mossoroense, Raimundo Soares de Brito, ao apresentar o jornal norte-rio-grandense "Tribuna do Norte", com um artigo assinado pelo antropólogo, Luiz Carvalho de Assunção. Justamente nesse ano, o Curso de Ciências Sociais, da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UFRN), exigia de mim, um relatório de pesquisa, por outro lado esperava encontrar uma situação de campo que possibilitasse responder algumas perguntas de ordem pessoal, por exemplo, como homens brancos julgam-se superiores aos homens não-brancos? Assim tomei o percurso da comunidade com uma cópia do jornal na mala.

Dessa forma, em um domingo, ao entardecer; como marujo, me encontrei pela primeira vez em Currais Novos, ao encontro dos sujeitos descritos por Assunção. Ao chegar, localizo-me numa pequena pousada, próxima a rodoviária. Nesse espaço foram enseadas as primeiras palavras a serem empregadas quando do contato com os Negros do Riacho. Ao amanhecer do dia seguinte, a andar pelas ruas, todos negros pobres, eram vistos por nós, como prováveis moradores da comunidade dos Negros do Riacho. O tempo se encarregou de nos avisar dessa visão etnocêntrica e deveras falha.

Assim, com o reparo do erro, nos lembramos dos diálogos em sala de aula, seja no Curso de Sociologia Rural, ministrado pela Professora Josefa Salette Barbosa Cavalcanti, seja nas cadeiras de Antropologia, ministrada pelas professoras Graça Furtado e Francisca Miller, a nos revelar a importância das feiras como lugar de contato entre os diversos grupos nas pequenas cidades nordestinas.

De posse da lembrança desse princípio, perguntávamos aos feirantes, se moradores do sítio Riacho dos Angicos, já haviam chegado com suas cerâmicas. Essa pergunta em nenhum instante, fez o efeito desejado. Porque ninguém conhece os Negros do Riacho como moradores do Riacho dos Angicos. Mas a indagar a próxima feirante, se os Negros do Riacho estariam perto de chegar. Ela logo respondeu:

-os negros estão chegando, chegando em grupo, fazendo barulho. São muito preguiçosos não querem trabalhar. Só vivem pedindo esmolas com sacos nas costas e bebendo cachaça. Eles brigam, que é um horror. A tapa e bofete. Com eles mesmos e, quem não paga direito a eles. Eles chegam na feira, chega a confusão. Acho que já chegaram.

No local da feira indicado pela informante, em frente à agência da Receita Federal, estávamos pela primeira vez, diante daquela, cuja existência nos motivou a conhecer sua trajetória de luta e vigor frente as adversidades do mundo branco. Ao vê-los diante dos nossos olhos comercializando suas cerâmicas em nenhum instante despertamos interesse de estabelecer interação com suas pessoas. Havíamos estabelecido previamente, que antes de estabelecer um diálogo, havia a necessidade de encontrar alguém na cidade que fosse da confiança do grupo para que nos apresentasse à comunidade.

Com essa ideia de encontrar alguém de confiança da comunidade, dirigi-me a Secretaria de Educação e Cultura. Lá, estava como secretária Dorinha. Ela apresentou um antigo professor da comunidade, por nome de Salu. Ele se tornou um guia por indicação que abriu as portas das casas da comunidade. Desse primeiro contato com os moradores do Riacho, numa forma de pesquisa exploratória, coletamos material suficiente para realizar relatório esperado.

O desejo de continuar o relatório agora em forma de monografia, nos fez treze meses depois de sairmos da comunidade, retornamos ao Riacho. Ao chegar na comunidade, me hospedei em um galpão por uma semana, ao invés de ir e vim a cidade todos os dias. Apesar do tempo exíguo, ele foi suficiente para realizar as entrevistas e as observações dos participantes. Ao sair do mundo do Riacho, outra semana transcorreu nas bibliotecas do município, a fim de encontrar material referente à história do negro no município. Paralelo a esta tarefa entrevistou-se pessoas ligadas a paróquia da Imaculada Conceição (padre, diácono e ministras) que mantinham relação com a comunidade.

Se a distância temporal de treze meses daquelas casas, pode parecer demais em um primeiro momento, dois anos sem nenhuma comunicação com os moradores do Riacho é muito mais, ainda assim, realizamos nossa terceira viagem a Currais Novos ao encontro do grupo, agora como aluno matriculado de mestrado, para passar dez dias. Nesse intervalo de dois anos, duas importantes informantes haviam falecido. Maria Sabina, porta voz do grupo dos negros, e Daliça, filha de Joana Caboclo. Ambas eram as melhores narradoras da história oral da comunidade.

A morte de Maria Sabina condicionou em definitivo que a coleta de dados na comunidade viria principalmente através dos caboclos, por mostrar-se mais abertos para conversar diante da minha presença. De forma geral, os membros do grupo dos negros buscavam evitar aproximação com as pessoas de fora. Optam por usarem do isolamento preferencial, isto é, opta pelo não contato. Apesar dessa estratégia, muitas das informações registradas aqui, vieram dos contatos fortuitos que a vivência na comunidade nos forneceu.

O vigor da vivência ressurgiu quando ao chegarmos procuramos os antigos fios de amizades que havíamos guardados com alguns habitantes da comunidade dos Negros do Riacho, para que pudessem ser ativados com a finalidade de concluir outra pesquisa mais profunda. Como de outras vezes, começaram a oferecer almoços, jantares e a pedir nosso comparecimento, à noite, para as conversas, antes da hora de dormir. Assim, a presença do “pesquisador” na casa dos caboclos era uma constante. Seja na Casa de Tereza Caboclo, pessoa mais velha do Riacho, e atual “prefeita” da comunidade, seja nas casas dos seus filhos: João, Geraldo, Tereza e Ana. A partir dos relatos gravados ou anotados destes cinco, obtivemos as maiores informações sobre a vida da comunidade.

Além das entrevistas, um outro momento precioso para obter informações sobre a vida da comunidade, foi de observar seu cotidiano. As tarefas, as brincadeiras e a ida dos moradores do Riacho à cidade, onde seguíamos seu percurso pelas ruas para observar sua interação com os cidadãos. Nestas ocasiões, presenciávamos as brigas, os ciúmes, o trabalho na cerâmica, na roça, os serviços de casa, o futebol os comportamentos dos cidadãos diante dos negros do Riacho.

Quando não estávamos em suas companhias, nestes momentos, buscamos, os sítios vizinhos ao Riacho, para obter mais informações a respeito das suas vidas. Especificamente com três pessoas. Em primeiro lugar, na casa de uma professora que ensina aos alunos do Riacho; em segundo lugar, numa casa onde os moradores do Riacho fazem suas compras, semanalmente; e, nos finais de ano, vão para a festa de Nossa Senhora das Graças. Ambas as casas, situar-se no sítio Serrote do Melo. A outra pessoa a visitar foi o ancião Severino Bezerra de Medeiros, no sítio Pedra D’água, tido por todos das localidades adjacentes, como o maior detentor de conhecimento sobre o passado, em razão da sua idade de oitenta e cinco anos e da sua respeitável memória.

Com o fim da coleta de dados na comunidade dos Negros do Riacho, veio à etapa de coleta de dados nas Queimadas. Como estratégia de pesquisa, antes de penetrar no seu território, visitou-se o sítio Totoró, próximo as Queimadas, com a intenção de entrevistar Chico Tomaz, por ser um grande conhecedor da história oral e por ser amigo dos queimadenses. Comprovada a memória de Chico Tomaz para relatar a história oral do Totoró e um pouco das Queimadas, buscou-se no dia seguinte, dirigia-se para a casa dos membros da comunidade. Após quatro dias, de idas e retornos, a estas casas deixou-se a comunidade com quatro entrevistas gravadas. Das entrevistas, optou-se por privilegiar o relato de Benedito Dionísio da Silva, por entender que ele domina a memória e a história do lugar, em detrimento dos demais relatos gravados na comunidade.

A complementar os relatos orais dos queimadenses, no intuito de construir uma visão explicativa para demonstrar a possibilidade do vínculo de parentesco entre esta e os Negros do Riacho, tomou-se o inventário de Adriana de Holanda e Vasconcelos, como documento etnográfico. Este está presente no livro **“Velhos Inventários do Seridó”**, de Olavo de Medeiros Filho (1983).

A terminar a segunda etapa da coleta dos dados nas Queimadas, viria a terceira e última, os trinta dias de trabalho de campo no perímetro urbano de Currais Novos, com seus 35, 529 habitantes (IBGE, 2000). Por ser uma cidade pequena. O contato entre as pessoas dá-se face a face, ou seja, predominam os contatos primários. Assim todos os currais-novenses sabem pouco ou muito, a respeito da vida de cada um. Uns sabem mais do que os outros. Estes pouquíssimos, independentes da idade, parecem guardar informações preciosas sobre toda a vida da cidade.

Para descobrir estes ilustres informantes nos preparamos para descobrir os circuitos, onde a cidade melhor se desnuda, por concentrar categorias de pessoas que a representa. Esses circuitos tinham seus espaços um pouco obscuros. Porém, os eventos que estavam acontecendo na cidade (Festa de Nossa Senhora de Sant`Ana, Vaquejada, eleições para prefeito em 2002), auxilia-nos por demais a perceber esses espaços, neles, a estratificação social e as matizes de cor. Daí aos circuitos da feira; das praças Desembargador Tomaz Salustino e Tetê Salustino; da rodoviária; das igrejas de Sant`Ana e Imaculada Conceição; das bibliotecas, das sorveterias, das lanchonetes e os quiosques.

Nestes circuitos ou palcos, encenava-se atos que comporia o drama do preconceito racial na cidade. A plateia restringia-se unicamente ao pesquisador e a outros anônimos que às vezes contam o desfecho desse drama se interrogados. Contam a partir do seu próprio ângulo de visão. Assim, muitas vezes sentados numa praça ou numa sorveteria, puxava-se assunto para ouvir esses anônimos que, em alguns casos, transformam-se em ilustres ao comentar sobre os Negros do Riacho ou sobre as famílias estabelecidas.

A importância de saber a opinião destes currais-novenses brancos e não-brancos, sobre os Negros do Riacho através de conversas descontraídas, e depois transformadas em quarenta anotações num caderno de campo, encontra-se no fato de buscar distinguir, se suas representações preconceituosas em relação aos negros do Riacho são as mesmas das famílias estabelecidas.

O registro das conversas, nos mais diferentes espaços da cidade, não teve a meta de servir de amostra, mas de apoio para o que se observou em campo. A tí-

tulo de comparação, estas conversas foram o áudio que faltou nas observações das cenas de preconceitos em relação aos negros do Riacho e citadinos.

As famílias aqui denominadas estabelecidas são as famílias Gavião, Bezerra e Salustino (Gomes de Melo), tidas como “as primeiras”. As que mais contribuíram para a região de fazendas de gado fosse transformada na cidade de Currais Novos.

Com estas famílias foram realizadas entrevistas em especial com dois membros de cada uma delas, para obter os mecanismos do preconceito racial. É possível captar a ótica do pensamento destas famílias, através de entrevistas, porque segundo Paul Thompson (1993), a família é um sistema estruturado “de relações interpessoais mantido à base de certos pressupostos (geralmente não declarados)” (*Idem*, 1993, p.13), mas que costuma designar um dos seus membros com autoridade capaz de revelar o passado familiar. Assim, aos entrevistados fizeram-se perguntas sobre a gênese e a importância de suas famílias para a cidade.

A partir desta ótica indicada por Thompson (1993), usou-se como critério para captar o passado destas famílias, que elas indicassem um dos seus membros, como capaz de melhor relatar o passado da família. Como complemento a assegurar a observação desses entrevistados escolheu-se um outro membro de cada família, independente da indicação daquelas famílias. Desta vez prevaleceu como critério para escolher estes sujeitos, o contato com eles, a partir do qual avaliamos o nível de informações que eles detinham sobre o passado de suas respectivas famílias.

Todos esses entrevistados tiveram seus nomes omitidos. Sua identificação dá-se apenas pelas indicações dos sobrenomes familiares, Galvão, Bezerra e Gomes. Em relação à família Gomes, ressalva-se que ela é tratada sem distinção da Salustino, por ser uma única família. Isto porque, o nome Salustino, passou ser empregado como sobrenome a partir, que o Capitão José Salustino Gomes de Melo, registrou dois dos seus filhos (o Desembargador Tomaz Salustino Gomes de Melo e José Salustino Gomes de Melo), com o seu segundo sobrenome, Salustino.

Fora as famílias estabelecidas, renovamos novamente um diálogo com pessoas da Igreja da Imaculada Conceição, através dos seus principais membros: padre, diácono e ministra local da “Ordem Terceira de São Francisco de Assis”, e outros dessa Ordem, que participaram de forma efetiva do trabalho de “humanização” da comunidade dos Negros do Riacho, no início dos anos noventa. Por já ter existindo contato com estes, nas outras duas estadas em Currais Novos, em 1996 e 1997, o ambiente de familiaridade proporcionou realizar entrevistas informais, buscando

sempre retirar desses diálogos, à impressão que tais membros tinham da comunidade dos Negros do Riacho, às vezes da comunidade das Queimadas.

Ao realizar esta operação para coletar os dados, através de entrevistas e observação participante a fim de descobrir as nuances do preconceito racial neste estudo. Seguindo a orientação de Thales de Azevedo (1996), onde ele explica que o preconceito racial só "pode ser analisado através da formação da situação racial pelos membros do grupo ou por meio do exame da interação simbólica" (*Idem*, 1996, p.149).

Para uma análise mais objetiva, Azevedo (1996), julga necessário combinar o ato de ouvir dos envolvidos, com a observação dos seus comportamentos, verificando se estes condizem com suas falas. Complementando esta técnica de coleta de dados efetivada a partir da orientação em Azevedo, observamos e acrescentamos a de Bastide & Fernandes (1971), quando eles afirmam que as fontes primárias (documentos, relatórios oficiais, livros de viajantes, coleções de jornais) e as fontes secundárias, principalmente de interpretação histórica, são primordiais para analisar os sintomas do preconceito racial.

Desta forma, metodologicamente, tanto o tipo de coleta de dados por meio da observação participante, entrevistas e reconstrução histórica quanto à análise se encaminharam para compreender:

Quais as raízes do preconceito racial em Currais Novos? Como é processo de construção das mesmas? Quais são as condições de suas reproduções?

Deste modo, o olhar e o ouvir se tornaram processos, correlatos a proporcionar o ato de escrever este texto (OLIVEIRA, 1996). Em outras palavras, o que está escrito nessas linhas e se lê são compreensões, quando não interpretações, da cultura nativa, por meio de categorias e conceitos filiados ao itinerário acadêmico do pesquisador aqui presente nesse texto. Assim, o momento dessa descrição foi sempre um ato dialético, em que conceitos e dados se inter-relacionaram para a construção dessa etnografia, sendo que toda etnografia são "descrições de quem descreve, não de quem é descrito" (GEERTZ, 1989b, p.63).

Portanto, aqui, privilegiamos interpretar e escolher entre as estruturas de significação hierarquizada, a que melhor salva o discurso social, para "fixá-lo em for-

mas pesquisáveis” (GEERTZ, 1989, p.31), numa versão, entre tantas outras possíveis, uma vez que não se busca dar conta da totalidade da realidade. Como diria Weber (1979), aspira-se aqui uma parte finita da infinita diversidade de fenômenos significativos relacionados ao preconceito racial.

Com este arcabouço de reflexão em relação ao campo e da relação de informantes a ser consultados para coletar dados, chegamos a registrar as relações de preconceito racial e suas consequências para as comunidades rurais negras. Ao mesmo tempo, da luta para vencê-lo, como demonstra a argumentação de Teresa Cabocla, de setenta e seis anos de idade, da comunidade dos Negros do Riacho, em depoimento dado ao pesquisador, em 12 de agosto de 2000.

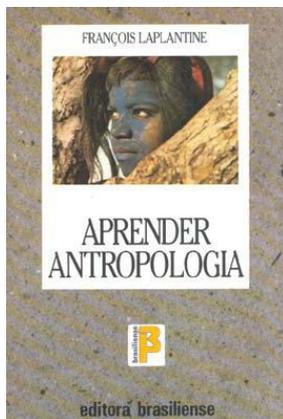
-Meu filho, quando você voltar para sua mãe, ela vai ver que, de tanto você andar com os negros, virou negro também. Esse menino é nosso. Não vai embora mais não. A cor não pega. É, eu sou preta da cor de tigna de carvão. E você é branquinho como leite. Deus quis assim. A cor não se mistura. A cor não vale nada. Somos todos iguais. Porque o sangue de todo o mundo de que cor é? Encarnado. Quem quis assim, foi São José, pai de Jesus e esposo de Maria. Fez todo mundo de sangue encarnado. O senhor é branco, eu sou preta. Mas, a cor do nosso sangue é encarnada. Tanto faz pobre, rico, negro e branco. O sangue deles são todos iguais. O Diabo querendo bagunça e arrumar confusão, falou com o esposo de Maria para pintar as cores do sangue diferentes. Mas, José não mudou. Permaneceu só uma cor. Por isso, somos todos irmãos. O senhor é meu irmão também. Por parte de sangue.

LEITURA OBRIGATÓRIA

Este ícone apresenta uma obra indicada pela professora-autor que será indispensável para a formação profissional do estudante.



Os livros indicados são leituras indispensáveis para o sucesso de sua aprendizagem na disciplina.



Convidamos você ler esta obra de Laplantine (1988), por ser uma espécie de mapa da Antropologia. Neste sentido, ao término da leitura você terá condições de observar o conhecimento antropológico tendo como referência seus pensadores e as circunstâncias históricas que culminaram por contribuir para o afloramento do pensamento antropológico em diversos estilos de correntes teóricas e de abordagens de investigação.

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

GUIA DE ESTUDO

Após a leitura da obra, sugerimos que faça uma resenha crítica e disponibilize no Ambiente Virtual de Aprendizagem – AVA.

REVISANDO

É uma síntese dos temas abordados com a intenção de possibilitar uma oportunidade para rever os pontos fundamentais da disciplina e avaliar a aprendizagem.



Rs

Se hoje podemos ler um texto com teor antropológico é porque a pergunta que a Antropologia se cercou - o que é o Homem, manteve-se inquebrantável, apenas cada vez mais sendo polida, com mais método e conceitos, da forma mais aperfeiçoada, similar a uma peça de arte.

Devemos considerar que o Homem constituiu para ele mesmo uma incógnita, ainda que estivesse diante do outro que é um Homem, ou dele mesmo. Logo, é certo que, ele desenvolveu um esforço para criar um conhecimento que o explicasse nas suas formas de existir, de produzir seus costumes, de explicar sua própria origem segundo ele pensa.

Para isto, contou com a reformulação de seu próprio pensar no plano da religião e da filosofia, quando o Novo Mundo apresentou a "outra parte da humanidade perdida". Está instalada o estranhamento do que havia de familiar no Homem e o movimento da desnaturalização do social que culmina na aceitação de que a unidade do Homem é plural com o advento de dois experimentos de reflexão maiores que o Homem já produziu sobre si em tempo e espaços distintos o Renascimento e Iluminismo.

A Antropologia não apenas fornece um espelho para o Homem. Ela elabora também os instrumentos teórico-metodológicos pelos quais os homens se descobrem como um ser diverso e que se refaz a partir da argamassa de novas descobertas alçadas com rigorosa investigação.

Neste sentido a ida a campo, alimenta a Antropologia com um número limitado de instrumentos de trabalho, entres eles o ouvir, o escutar e o escrever. Todavia, mas eles juntos, fornecem um vasto recurso de captar o âmago das expressões de viver humano seja numa ilha, seja numa aldeia, seja em uma cidade, ou até em uma sala de aula. Por meio desse ato repetitivo e constante de aperfeiçoar o ouvir, o escutar e o escrever, a Antropologia obteve e preserva um conjunto de etnografias como seu patrimônio mais precioso que serve para nos ensinar a pesquisar o Homem que nos tornamos e de servir de inspiração para buscarmos resolvermos os problemas que trava que este Homem de viver outra vida melhor, como é caso do preconceito racial no Brasil aos afrodescendentes.

Portanto, há quanto tempo existem antropólogos? É uma pergunta difícil de ser respondida. Por isso, preferimos mostrar a trama de acontecimentos que rendeu nutrientes ao campo antropológico que possibilita hoje, entendermos se um estranho chegar para residir bem próximo a casa na qual moramos e passamos a observá-lo, suas atitudes, seus comportamentos estamos realizando uma atividade elementar de observação antropológica.

AUTOAVALIAÇÃO

Momento de parar e fazer uma análise sobre o que o estudante aprendeu durante a disciplina.



1. Por que é importante desenvolver um estilo de pensamento para estudar Antropologia?
2. Qual é questão matriz se formou no nascedouro da Antropologia?
3. Através de quê, a Antropologia mostrou a posição e o lugar do Homem em relação a natureza e a escala zoológica?
4. Com base na noção de contato entre os povos, exercite a explicar o que significa a frase: compreender a diversidade humana que começava a ser percebida?
5. Por que os gregos são tidos como responsáveis por deixar como herança para a Antropologia a inspiração para a percepção da alteridade?
6. O que leva a Antropologia evolucionista colocar o Homem europeu como superior aos outros homens? Justifique se esta superioridade ainda é considerada válida para os nossos dias.

BIBLIOGRAFIA

Indicação de livros e sites que foram usados para a constituição do material didático da disciplina.



B10

ASSUNÇÃO, Luiz Carvalho de. **Os Negros do Riacho, um Estudo sobre Estratégia de Sobrevivência e Identidade Social**. Natal. 1988. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais/Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

AZEVEDO, Thales de. **Elites de Cor numa Cidade Brasileira: um estudo de ascensão social & Classes Sociais e grupos de Prestígio**. Salvador: EDUFBA, 1996.

BASTIDE, Roger & FERNANDES, Florestan. **Branços e Negros em São Paulo: ensaio sociológico sobre aspectos da formação, manipulações atuais e efeitos do preconceito de cor na sociedade paulistana**. 3. ed. Companhia Editora Nacional/Col. Brasiliense, Vol. 305, 1971.

GEERTZ, Clifford. **Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura**. In: *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

_____. *Estar lá, escrever aqui*. In: **Diálogo**. Vol. 22, 1989b.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

_____. François. **Aprender Antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

LÖWY, Michael. **Ideologias e Ciência Social: elementos para uma análise marxista**. 19. Ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MEDEIROS FILHO, Olavo de. **Velhos Inventários do Seridó**. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1983.

MELLO, Luiz Gonzaga de. **Antropologia Cultural**. Petrópolis: Vozes, 1982.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever**. In: *Revista de Antropologia*. São Paulo: Universidade de São Paulo (USP), 1996, V. 39, nº 1.

THOMPSON, Paul. **A Transmissão Cultural entre as Gerações dentro das Famílias: uma abordagem centrada em histórias de vida**. In: *Ciências Sociais Hoje*. São Paulo:

ANPOCS/HUCITEC, 1993.

WEBER, Max. **A “Objetividade” do Conhecimento nas Ciências Sociais.** *In:* Max Weber: Sociologia. São Paulo: Ática, V. 13, 1979.

Bibliografia Web

LARAIA, Roque de Barros. **O legado da Antropologia brasileira:** relato de Roque de Barros Laraia. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832014000200014&lng=pt&nrm=iso&tlng=en. Acesso em: 29 dez 2015.

PEIRANO, Mariza G. S. **A Antropologia como Ciência Social no Brasil.** Disponível em: http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol_04/N2/Vol_iv_N2_219-232.pdf. Acesso em: 29 dez 2015.

MELATTI, Julio Cezar. **A Antropologia no Brasil:** Um Roteiro. Disponível em: <http://www.juliomelatti.pro.br/artigos/a-roteiro.pdf>. Acesso em: 29 dez 2015.

